

Herbarium

LYGIA FAGUNDES TELLES

Todas as manhãs eu pegava o cesto e me embrenhava no bosque, tremendo inteira de paixão quando descobria alguma folha rara. Era medrosa mas arriscava pés e mãos por entre espinhos, formigueiros e buracos de bichos (tatu? cobra?) procurando a folha mais difícil, aquela que ele examinaria demoradamente: a escolhida ia para o álbum de capa preta. Mais tarde faria parte do herbário, ele tinha em casa um herbário com quase duas mil espécies de plantas. “Você já viu um herbário?” – ele quis saber.

Herbarium, ensinou-me logo no primeiro dia em que chegou ao sítio. Fiquei repetindo a palavra, *herbarium*. *Herbarium*. Disse ainda que gostar de botânica era gostar de latim, quase todo o reino vegetal tinha denominação latina. Eu detestava latim mas fui correndo desencavar a gramática cor de tijolo escondida na última prateleira da estante, decorei a frase que achei mais fácil e na primeira oportunidade apontei para a formiga saúva subindo na parede: *formica bestiola est*. Ele ficou me olhando. A formiga é um inseto, apressei-me em traduzir. Então ele riu a risada mais gostosa de toda a temporada. Fiquei rindo também, confundida mas contente, ao menos achava alguma graça em mim.

Romancista e contista, com textos publicados em antologias no Brasil e no exterior, romances e livros de contos, entre os quais *Ciranda de Pedra*, *Antes do Baile Verde*, *As Meninas*, *A Disciplina do Amor*, *As Horas Nuas*, *A Estrutura da Bolba de Sabão*, *A Noite Escura e Mais Eu*, *Invenção e Memória*, *Durante Aquele Estranho Chá*. “Herbarium” faz parte da antologia *Meus Contos Esquecidos* (Editora Rocco, 2005).

Um vago primo botânico convalescendo de uma vaga doença. Que doença era essa que o fazia cambalear, esverdeado e úmido, quando subia rapidamente a escada ou quando andava mais tempo pela casa?

Deixei de roer as unhas, para espanto da minha mãe que já tinha feito ameaças de cortes de mesada ou proibição de festinhas no grêmio da cidade. Sem resultado. “Se eu contar, ninguém acredita” – disse ela quando viu que eu esfregava para valer a pimenta vermelha nas pontas dos dedos. Fiz minha cara inocente: na véspera, ele me advertira que eu podia ser uma moça de mãos feias, “Ainda não pensou nisso?” Nunca tinha pensado antes, nunca me importei com as mãos, mas no instante em que ele fez a pergunta comecei a me importar. E se um dia elas fossem rejeitadas como as folhas defeituosas? Ou banais. Deixei de roer as unhas e deixei de mentir. Ou passei a mentir menos, mais de uma vez me falou no horror que tinha por tudo quanto cheirava a falsidade, escamoteação.

Estávamos sentados na varanda. Ele selecionava as folhas ainda pesadas de orvalho quando me perguntou se já tinha ouvido falar em folha persistente. Não? Alisava o tenro veludo de uma malva-maçã. A fisionomia ficou branda quando amassou a folha nos dedos e sentiu o seu perfume. As folhas persistentes duravam até mesmo três anos mas as cadentes amareleciam e se despregavam ao sopro do primeiro vento. Assim a mentira, folha cadente que podia parecer tão brilhante mas de vida breve. Quando o mentiroso olhava para trás, via no final de tudo uma árvore nua. Seca. Mas o verdadeiro, esse teria uma árvore farfalhante, cheia de passarinhos – e abriu as mãos para imitar o bater de folhas e asas. Fechei as minhas. Fechei a boca em brasa agora que os tocos das unhas (já crescidas) eram tentação e punição maior. Podia dizer-lhe que justamente por me achar assim apagada é que precisava me cobrir de mentira como se veste um manto fulgurante. Dizer-lhe que diante dele, mais do que diante dos outros, tinha de inventar e fantasiar para obrigá-lo a se demorar em mim como se demorava agora na verbena – será que não percebia essa coisa tão simples?

Chegou ao sítio com suas largas calças de flanela cinza e grosso suéter de lã tecida em trança, era inverno. E era noite. Minha mãe tinha queimado incenso

(era sexta-feira) e preparou o Quarto do Corcunda, corria na família a história de um corcunda que se perdeu no bosque e minha bisavó instalou-o naquele quarto que era o mais quente da casa, não podia haver melhor lugar para um corcunda perdido ou para um primo convalescente.

Convalescente do quê? Qual doença tinha ele? Tia Marita, que era alegrinha e gostava de se pintar, respondeu rindo (falava rindo) que nossos chazinhos e bons ares faziam milagres. Tia Clotilde, embutida, reticente, deu aquela sua resposta que servia a qualquer tipo de pergunta: tudo na vida podia se alterar, menos o destino traçado na mão, ela sabia ler as mãos. “Vai dormir feito uma pedra” – cochichou tia Marita quando me pediu que lhe levasse o chá de tília. Encontrei-o recostado na poltrona, a manta de xadrez cobrindo-lhe as pernas. Aspirou o chá. E me olhou, “Quer ser minha assistente?” – perguntou soprando a fumaça. “A insônia me pegou pelo pé, ando tão fora de forma, preciso que me ajude. A tarefa é colher folhas para a minha coleção, vai juntando o que bem entender que depois seleciono. Por enquanto, não posso mexer muito, terá que ir sozinha” – disse e desviou o olhar úmido para a folha que boiava na xícara. Suas mãos tremiam tanto que a xícara transbordou no pires. É o frio, pensei. Mas continuaram tremendo no dia seguinte que fez sol, amareladas como os esqueletos de ervas que eu catava no bosque e queimava na chama da vela. Mas o que ele tem?, perguntei e minha mãe respondeu que mesmo que soubesse não diria, fazia parte de um tempo em que doença era assunto íntimo.

Eu mentia sempre, com ou sem motivo. Mentia principalmente à tia Marita que era bastante tonta. Menos à minha mãe, porque tinha medo de Deus e menos ainda à tia Clotilde que era meio feiticeira e sabia ver o avesso das pessoas. Aparecendo a ocasião, eu enveredava por caminhos os mais imprevisíveis, sem o menor cálculo de volta. Tudo ao acaso. Mas aos poucos, diante dele, minha mentira começou a ser dirigida, com um objetivo certo. Seria mais simples, por exemplo, dizer que colhi a bétula perto do córrego onde estava o espinheiro. Mas era preciso fazer render o instante em que se detinha em mim, ocupá-lo antes de ser posta de lado como as folhas sem interesse, amontoadas no cesto. Então ramificava os perigos, exagerava as dificuldades, inventava histórias que

encompridavam a mentira. Até ser decepada com um rápido golpe de olhar, não com palavras, mas com o olhar ele fazia a hidra verde rolar emudecida enquanto minha cara se tingia de vermelho – o sangue da hidra.

“Agora você vai me contar direito como foi” – ele pedia tranqüilamente, tocando na minha cabeça. Seu olhar transparente. Reto. Queria a verdade. E a verdade era tão sem atrativos como a folha da roseira, expliquei-lhe isso mesmo, acho a verdade tão banal como esta folha. Ele me deu a lupa e abriu a folha na palma da mão: “Veja então de perto.” Não olhei a folha, que me importava a folha?, olhei sua pele ligeiramente úmida, branca como o papel com seu misterioso emaranhado de linhas, estourando aqui e ali em estrelas. Fui percorrendo as cristas e depressões, onde era o começo? Ou o fim? Demorei a lupa num terreno de linhas tão disciplinadas que por elas devia passar o arado, ih! vontade de deitar minha cabeça nesse chão. Afastei a folha, queria ver apenas os caminhos. O que significa este cruzamento, perguntei e ele me puxou o cabelo: “Também você, menina?!”

Nas cartas do baralho, tia Clotilde já lhe desvendara o passado e o presente: “E mais desvendaria” – acrescentou ele guardando a lupa no bolso do avental branco, às vezes vestia o avental. O que ela previu? Ora, tanta coisa. De mais importante, só isso, que no fim da semana viria uma amiga buscá-lo, uma moça muito bonita, podia ver até a cor do seu vestido de corte antiquado, verde-musgo. Os cabelos eram compridos, com reflexos de cobre, tão forte o reflexo na palma da mão!

Uma formiga vermelha entrou na greta do lajedo e lá se foi com seu pedaço de folha, veleiro desarvorado soprado pelo vento. Soprei eu também, a formiga é um inseto!, gritei, as pernas flexionadas, pendentes os braços para diante e para trás no movimento do macaco, Hi hi! hu hu! hi hi! hu hu! é um inseto! um inseto!, repeti rolando no chão. Ele ria e procurava me levantar, você se machuca, menina, cuidado! Cuidado! Fugi para o campo, os olhos desvairados de pimenta e sal, sal na boca, não, não vinha ninguém, tudo loucura, uma louca varrida essa tia, invenção dela, invenção pura, como podia?! Até a cor do vestido, verde-musgo? E os cabelos, uma louca, tão louca como a irmã de cara pintada

feito uma palhaça, rindo e tecendo seus tapetinhos, centenas de tapetinhos pela casa, na cozinha, na privada, duas loucas! Lavei os olhos cegos de dor, lavei a boca pesada de lágrimas, os últimos fiapos de unha me queimando a língua, não! Não. Não existia ninguém de cabelo de cobre que no fim da semana ia aparecer para buscá-lo, ele não ia embora nunca mais. Nunca mais!, repeti e minha mãe, que viera me chamar para o almoço, acabou se divertindo com a cara de diabo que fiz, disfarçava o medo fazendo caras de medo. E as pessoas se distraíam com essas caras e não pensavam mais em mim.

Quando lhe entreguei a folha de hera com formato de coração (um coração de nervuras trementes se abrindo em leque até as bordas verde-azuladas) ele beijou a folha e levou-a ao peito. Espetou-a na malha do suéter: “Esta vai ser guardada aqui.” Mas não me olhou nem mesmo quando saí tropeçando no cesto. Corri até a figueira, posto de observação onde podia ver sem ser vista. Através do rendilhado de ferro do corrimão da escada, ele me pareceu menos pálido. A pele mais seca e mais firme a mão que segurava a lupa sobre a lâmina do espinho-do-brejo. Estava se recuperando, não estava? Abracei o tronco da figueira e pela primeira vez senti que abraçava Deus.

No sábado, levantei mais cedo. O sol forcejava a névoa, o dia seria azul quando ele conseguisse rompê-la. “Aonde você vai com esse vestido de maria-mijona?” – perguntou minha mãe me dando a xícara de café com leite. Por que desmanchou a barra?” Desviei sua atenção para a cobra que inventei ter visto no terreiro, toda preta com listras vermelhas, seria uma coral? Quando ela correu com a tia para ver, peguei o cesto e entrei no bosque. Como explicar-lhe que descera todas as barras das saias para esconder minhas pernas finas, cheias de marcas de picadas de mosquitos. Numa alegria desatinada fui colhendo as folhas, mordi goiabas verdes, atirei pedras nas árvores, espantando os passarinhos que cochichavam seus sonhos, me machucando de contente por entre a galharia. Corri até o córrego. Alcancei uma borboleta e prendendo-a pelas pontas das asas deixei-a na corola de uma flor, Te solto no meio do mel, gritei-lhe. O que vou receber em troca? Quando perdi o fôlego, tombei de costas nas ervas do chão. Fiquei rindo para o céu de névoa atrás da malha apertada

dos ramos. Virei de bruços e esmigalhei nos dedos os cogumelos tão macios que minha boca começou a se encher d'água. Fui avançando de rastros até o pequeno vale de sombra debaixo da pedra. Ali era mais frio e maiores os cogumelos pingando um líquido viscoso dos seus chapéus inchados. Salvei uma abelhinha das mandíbulas de uma aranha, permiti que a saúva-gigante arrebatasse a aranha e a levasse na cabeça como uma trouxa de roupa esperneando, mas recuei quando apareceu o besouro de lábio leporino. Por um instante me vi refletida em seus olhos facetados. Fez meia-volta e se escondeu no fundo da fresta. Levantei a pedra: o besouro tinha desaparecido, mas no tufo raso vi uma folha que nunca encontrara antes, única. Solitária. Mas que folha era aquela? Tinha a forma aguda de uma foice, o verde do dorso com pintas vermelhas irregulares como pingos de sangue. Uma pequena foice ensangüentada – foi no que se transformou o besouro? Escondi a folha no bolso, peça principal de um jogo confuso. Essa eu não juntaria às outras folhas, essa tinha que ficar comigo, segredo que não podia ser visto. Nem tocado. Tia Clotilde previa os destinos mas eu podia modificá-los, assim, assim! e desfiz na sola do sapato o ninho de cupins que se armava debaixo da amendoeira. Fui andando solene porque no bolso onde levava o amor levava agora a morte.

Tia Marita veio ao meu encontro, mais aflita e gaguejante do que de costume. Antes de falar já começou a rir: “Acho que vamos perder nosso botânico, sabe quem chegou? A amiga, a mesma moça que Clotilde viu na mão dele, lembra? Os dois vão embora no trem da tarde, ela é linda como os amores, bem que Clotilde viu uma moça igualzinha, estou toda arrepiada, olha aí, me pergunto como a mana adivinha uma coisa dessas!”

Deixei na escada os sapatos pesados de barro. Larguei o cesto. Tia Marita me enlaçou pela cintura enquanto se esforçava para lembrar o nome da recém-chegada, um nome de flor, como era mesmo? Fez uma pausa para estranhar minha cara branca, e esse branco de repente? Respondi que voltara correndo, a boca estava seca e o coração fazia um tuntum tão alto, ela não estava ouvindo? Encostou o ouvido no meu peito e riu se sacudindo inteira, quando tinha minha idade pensa que também não vivia assim aos pulos?

Fui me aproximando da janela. Através do vidro (poderoso como a lupa) vi os dois. Ela sentada com o álbum provisório de folhas no colo. Ele, de pé e um pouco atrás da cadeira, acariciando-lhe o pescoço, e seu olhar era o mesmo que tinha para as folhas escolhidas, a mesma leveza de dedos indo e vindo no veludo da malva-maçã. O vestido não era verde mas os cabelos soltos tinham o reflexo de cobre que transparecera na mão. Quando me viu, veio até a varanda no seu andar calmo. Mas vacilou quando disse que esse era o nosso último cesto, por acaso não tinham me avisado? O chamado era urgente, teriam que voltar nessa tarde. Sentia muito perder tão devotada ajudante, mas um dia, quem sabe?... Precisaria agora perguntar à tia Clotilde em que linha do destino aconteciam os reencontros.

Estendi-lhe o cesto, mas ao invés de segurar o cesto, segurou meu pulso: eu estava escondendo alguma coisa, não estava? O que estava escondendo, o quê? Tentei me livrar fugindo para os lados, aos arrancos, não estou escondendo nada, me larga! Ele me soltou mas continuou ali, de pé, sem tirar os olhos de mim. Encolhi quando me tocou no braço: “E o nosso trato de só dizer a verdade? Hem? Esqueceu nosso trato?” – perguntou baixinho.

Enfiei a mão no bolso e apertei a folha, intacta a umidade pegajosa da ponta aguda, onde se concentravam as nódoas vermelhas. Ele esperava. Eu quis então arrancar a toalha de crochê da mesinha, cobrir com ela a cabeça e fazer micagens, hi hi! hu hu! até vê-lo rir pelos buracos da malha, quis pular da escada e sair correndo em zigue-zague até o córrego, me vi atirando a foíce na água, que sumisse na correnteza! Fui levantando a cabeça. Ele continuava esperando, e então? No fundo da sala, a moça também esperava numa névoa de ouro, tinha rompido o sol. Encarei-o pela última vez, sem remorso, quer mesmo? Entreguei-lhe a folha.



A carta do Dr. Jekyll

ADA PELLEGRINI GRINOVER

Numa manhã fria e chuvosa de sábado, o advogado Gabriel John Utterson estava sentado junto à lareira, na biblioteca de móveis entalhados próprios da época vitoriana, quando o mordomo entrou trazendo a correspondência.

“É quase hora do almoço, James”, disse o Sr. Utterson, enquanto pegava alguns envelopes da bandeja de prata, “pode trazer meu *sherry*.”

Mal passava das dez, mas o mordomo se limitou a inclinar a cabeça e a desaparecer silenciosamente. O Sr. Utterson examinou os três envelopes e um deles chamou-lhe a atenção. Estava sujo e amarrotado, o selo era indiano, o carimbo ilegível e no verso não havia indicação do remetente.

“Já vi essa caligrafia”, pensou o Sr. Utterson, “mas não consigo lembrar de quem é.”

Estava ainda mais intrigado porque só se correspondia, na região da Índia, com a sobrinha Mary, que se transferira para o Ceilão, onde o marido administrava uma plantação de chá. Mas a letra não era dela. E ainda estavam longe do Natal, época em que Mary costumava escrever.

Professora titular de Direito Processual na Faculdade de Direito de USP. Além de obras jurídicas, publicou *A Menina e a Guerra*, memórias da infância (1998). É membro da Academia Paulista de Letras (Cadeira n.º 9).

William Michael Harnett (Irlanda, 1848 – Nova York, 1892)
Meus objetos de aparato, 1888. Óleo sobre madeira 45,7 x 35,5 cm.
National Gallery of Art, Washington.

Abriu o envelope, viu que se tratava de uma carta de várias páginas, escrita em letra miúda e precisa, e foi logo examinar a assinatura. Ficou petrificado: “Henry Jekyll, meu Deus... Mas ele morreu!”, exclamou em voz alta. “Morreu há cinco anos, aqui em Londres, e nunca foi à Índia...”

Com as mãos trêmulas, como se tivesse recebido uma carta do além, o Sr. Utterson começou a ler.

18., 20 de julho

Sr. Utterson,

fomos muito amigos, mas não ousou chamá-lo de Amigo, porque lhe menti e o traí. O remorso pelo que fiz me consome e você é a única pessoa a quem posso confessar minhas culpas. A ciência levou-me para longe de Deus e não teria sentido buscar agora uma aproximação com a Igreja. Por outro lado, preciso dizer a verdade a alguém, reto e probo como você, para que decida o que deve ser feito. Eu não consigo tomar uma decisão. Ponho minha vida em suas mãos.

Você se perguntará por que só agora resolvi dizer a verdade, decorridos quase cinco anos da morte de Edward Hyde. Mas só agora tive conhecimento, por uma pessoa recém-chegada de Londres, do falecimento de nosso comum amigo, o Dr. Hastie Lanyon. Não poderia falar enquanto estivesse vivo. Eu o corrompi, Utterson, dei-lhe uma fortuna para que pudesse montar um novo laboratório, e não podia arruinar sua vida. Corrompi-o para que mentisse a você e ao mundo.

Fiz com que ele afirmasse, sob o juramento da profissão de médico, ter assistido à transformação de Edward Hyde no Dr. Jekyll, após ter tomado uma poção que o próprio Dr. Lanyon teria retirado, a meu pedido, do meu gabinete, com a ajuda do mordomo Poole. O Sr. Hyde e o Dr. Jekyll seriam, portanto, a mesma pessoa. E, numa longa carta dirigida a você, inventei toda a história. Narrei-a com todos os particulares, retratando primeiro a minha sensação de ser uma pessoa multifária e incongruente, de profunda duplicidade. O lado do bem e do mal, que compunham minha dupla natureza. Até aí eu disse a verdade, Utter, e provavelmente isso está ínsito em todo homem. Também disse a verdade quando escrevi que pensei em algum meio científico capaz de separar as duas personalidades, revestindo-as de corpos distintos, de modo a resultarem do experimento pessoas diversas, uma totalmente boa, outra totalmente má. Mas jamais tentei esse caminho com seriedade. A idéia assustava-me.

O resto foi pura invencionice. As dores horrorosas que senti quando ingeri a droga e como voltei a mim após uma verdadeira agonia, sentindo-me mais jovem e mais feliz, com uma liberdade da alma desconhecida, mas não inocente. As imagens sensuais que me perpassaram, enquanto sentia o sopro de uma nova vida que me tornava mau e rendido à minha perversidade original. A descoberta de que havia perdido altura e, olhando-me ao espelho, de que havia mudado de semblante. As muitas vezes que repeti a experiência, bastando que bebesse a poção para me livrar imediatamente do corpo do famoso professor, assumindo, como pesado sobretudo, o de Edward Hyde. Como me sentia seguro, sob o impenetrável manto da criatura em que podia transformar-me: fizesse o que fizesse, Edward Hyde desapareceria como um sopro de brisa, substituído por uma homem que estava acima de qualquer suspeita: o Dr. Henry Jekyll.

Descrevi os prazeres indignos, bestiais e monstruosos do Sr. Hyde. E isso, como você verá, não era mentira. E não menti quando escrevi que o Dr. Jekyll ficava horrorizado com os atos de Hyde. Mas não era verdade o resto: que minha consciência adormecia, quando pensava que, afinal, o culpado era o monstro, que não tinha nada a ver comigo.

Menti também quando descrevi como, aos poucos, a personalidade e a aparência de Edward Hyde começaram a prevalecer sobre as do doutor. Como ficava cada vez mais difícil voltar a ser Henry Jekyll. O poder da droga nem sempre se mostrava igual, disse, e uma vez falhara completamente. Escrevi que percebi que deveria escolher. Mas voltar a ser apenas Jekyll seria morrer para aqueles apetites que agora me eram indispensáveis. E escolher Hyde seria perder honra, profissão, amigos. Quis preservar a melhor parte, contei, e verifiquei que me faltavam forças para mantê-la. O tempo começou a obliterar os meus receios e me vi torturado por desejos e angústias. E tomei de novo a droga. Foi quando teria cometido o assassinato, brutalmente, espancado o corpo que não resistia. O assassinato ocorreu, é certo, mas não fui eu quem o cometeu. E menti na carta quando disse que, horrorizado com o crime e firme no propósito de não ressuscitar Hyde, um dia, sentado no parque, me transformei nele sem ter tomado a poção. Mas o monstro estava sendo procurado pela polícia e, disse, inventei um estratagemas para que Lanyon buscasse a droga no gabinete do Dr. Jekyll, possibilitando a Hyde retomar o semblante do médico. A verdade é que, Utterson, subornei o pobre Lanyon para jurar ser essa a verdade.

Mas, na manhã seguinte, dizia a carta, me transformei novamente em Hyde, sem tomar a poção. E, daquele dia em diante, só com grande esforço, e tomando várias doses da droga, conse-

guia recuperar a figura e a personalidade do Dr. Jekyll. Mentiras, de novo, como aquelas que descreveram minha tortura, a incerteza do futuro, o medo do cadafalso. Inventei também que minha provisão de droga estava acabando e que as novas encomendas não resultaram numa poção que tivesse o efeito transformador. Provavelmente, expliquei, os componentes originais apresentavam algum defeito, algum ingrediente diverso que os farmacêuticos não conseguiam mais reproduzir. Descrevi com dramaticidade meu último dia, quando tomei a última dose da droga e consegui voltar a ser Henry Jekyll. E terminava a carta perguntando-me se Hyde, reassumindo seu semblante, morreria no patíbulo ou encontraria coragem para se matar.

Quando Hyde foi encontrado morto no meu gabinete, vestindo minhas roupas, todos pensaram que com ele também havia morrido o Dr. Jekyll. Você mostrou minha carta, Lanyon corroborou a falsa versão dos fatos, e eu me tornei famoso. Hyde foi enterrado recebendo as honras devidas ao famoso médico e professor. A Igreja permitiu que o corpo de um suicida repousasse em terra sagrada, pois na verdade se tratava da alma de Jekyll. Minha fama espalhou-se pelo mundo, vários estudiosos tentaram repetir meus experimentos, mas sem sucesso. Muito se escreveu sobre mim e a carta que lhe dirigi foi reproduzida em todos os jornais. Sei que um famoso autor escocês está preparando um livro sobre minha história.

Foi tudo uma impostura. Não posso mais me calar.

Edward Hyde existiu realmente, e eu o matei.

Era meu irmão, um bastardo cuja existência minha pobre mãe me confessou, no leito de morte, há seis anos. Mesmo viúva, a sociedade jamais perdoaria a uma dama o envolvimento num amor ilícito. O pai era um lorde, casado, e creio que não chegou a saber que do adultério havia nascido um filho. De qualquer modo, o pai de Edward já morreu.

Minha mãe deu à luz a criança num vilarejo do Essex, na casa de sua velha governanta, que o criou contando ter encontrado o menino abandonado no campo. Não sei por que escolheram o nome Edward — talvez porque o pai era nobre — mas o Hyde bem indicava seu destino: passar a vida escondendo suas origens.

Eu era filho único e jamais suspeitei ter um meio-irmão. Morrendo, minha mãe me disse que a índole do moço — dez anos nos separavam — não era boa, que lhe tinha dado muitas preocupações enquanto crescia. E que agora, com 25 anos, se tornara violento e cometera atos selvagens, altamente reprováveis. Mas ela jamais o havia abandonado e o amava. Pediu-me que cuidasse

dele, sem dizer que éramos irmãos, e me deu o endereço. Suas últimas palavras foram: não permita que faça mal a si mesmo.

E eu tentei, Utterson, juro que tentei com todas as minhas forças.

Encontrei-o, disse-lhe que éramos irmãos, mas pedi que mantivesse o segredo em homenagem à honra e dignidade de nossa pobre mãe. Aluguei para ele uma casa em Sobo, decorei-a com móveis finos, quadros, tapetes e cristais; comprei-lhe roupas, comida, tudo de que um jovem poderia precisar, e passei a mantê-lo com largueza. Fiz um testamento ológrafo que lhe entreguei, Utterson, em que lhe deixava todos meus bens. Você estranhou — está lembrado — mas eu disse apenas que se tratava de um benfeitor. Passei a pagar sua criada, uma velha feia e má, que o detestava mas o temia. Mas logo percebi que minha generosidade só lhe despertava ódio e rancor.

Extorquia-me dinheiro a todo momento, tive que pagar suas dívidas de jogo, exigia cada vez mais. Cedia-lhe às vezes minha casa, tentando apaziguá-lo. Encontrava-me com ele no gabinete e eu lhe falava longamente, tentando acalmar a revolta brutal que exprimia e controlar seu mau gênio. Mas tudo era inútil. Dava-lhe mais dinheiro — estava sempre me chantageando, sob a ameaça de contar toda a verdade — e ele agradecia com insultos. Acabava me enfurecendo e saía pela porta do laboratório. Por isso nunca fomos vistos juntos. Mas havia feito um juramento a minha mãe e, apesar de tudo, sempre o protegeria.

Disse aos criados que se tratava de um paciente neurótico, com quem estava tentando uma nova terapia, que incluía alguns períodos passados numa casa elegante e bem servida. Aproveitava esses dias para viajar e, quando as aulas não permitiam que me afastasse, me alojava num hotel. Suportava tudo, em memória de minha mãe. E pedia a todos que fossem tolerantes.

Mas ele era profundamente perverso. Maltratava os criados, ameaçava-os, jogava as travessas no chão dizendo que a comida estava ruim. Chegou a quebrar um precioso vaso chinês, por não gostar dele. Sumiu com o gato da casa — provavelmente o matou — dizendo que era arisco e anti-pático. E era um amoral: uma noite organizou um bacanal, trazendo da rua um grupo de meretrizes e malandros, sob os olhos estarecidos dos criados. Por sorte não ficava por muitos dias. Preferia a vagabundagem pelas ruas, as noites dissolutas de jogatina e sexo, a companhia de pessoas da laia dele. Eu voltava quando ele ia embora — tinha exigido que me avisasse, e ao menos nisso me obedecia. Todas as vezes devia enfrentar um muro de lamentações, mas tinha minha justificativa: é um doente, dizia, e tudo isso faz parte do tratamento.

Essa situação, que me arrasava mas que não podia mudar, provocou meu isolamento, que você, Layton e Enfield estranbaram e que eu atribui depois, falsamente, às transformações de Jekyll em Hyde.

Devo acrescentar que meu irmão sentia um prazer enorme em me descrever as atrocidades que cometia: estupros, ferimentos, assaltos, maus-tratos em velhos e crianças. Mas eu pensava que eram fantasias e que queria apenas me escandalizar. Até a noite do assassinato.

Você já conhecia Hyde, desde o episódio assistido por nosso amigo Enfield, em que o agressor pisoteou barbaramente uma criança que tinha esbarrado nele. Enfield e a vizinhança escoltaram-no até a casa dele, em Sobo, obrigando-o a ressarcir os pais da vítima. E ele lhes entregou um cheque de 100 esterlinas, assinado por mim. Você, sabendo ser ele o beneficiário de meu testamento, ficou curioso e foi ter com ele em sua casa. Sabia, assim, onde morava.

E naquela noite, a noite do assassinato de Lord Carew na rua, uma criada que estava na janela o reconheceu, por ter visitado numa oportunidade seu patrão, companheiro de farras. E quem conhecia aquele homem jamais o esquecia, tal a repulsa que seu semblante e seus modos provocavam. Você bem sabe de todos os pormenores: como a vítima, um senhor de idade amável e distinto, se dirigiu a ele para pedir uma simples informação. Como Hyde ficou enfurecido e, quando Lord Carew se desculpou por tê-lo importunado, perdeu totalmente o controle e começou a golpear-lo com a bengala até derrubá-lo no chão. Como o atacante foi tomado por uma fúria assassina e passou a pisotear a vítima indefesa, desferindo-lhe mais uma saraivada de golpes na cabeça e na face. Quando a polícia chegou, o agressor tinha fugido e Lord Carew estava morto e desfigurado. A bengala tinha-se partido ao meio e metade dela foi encontrada no local do crime. A vítima trazia no bolso uma carta endereçada a você, que era seu advogado. E você pôde levar a polícia à casa de Hyde, onde foi encontrada a meia bengala que o assassino levava consigo. Mas em casa só estava a criada, que se regozijou com o ocorrido, demonstrando todo o ódio que tinha ao patrão. Havia roupas pelo chão dos aposentos de meu irmão, gavetas reviradas e abertas, sinal de papéis queimados na lareira. Mas, das cinzas, o inspetor da Scotland Yard retirou um talão de cheques semidestruído, em que era visível meu nome. Ele tinha escapado.

O que você não sabe, Utterson, é que no dia seguinte Hyde veio ter comigo no gabinete. Ninguém o viu entrar. Já sabia do assassinato, estava em todos os jornais e ficara horrorizado. E mais ainda fiquei, quando ele me contou todos os pormenores, com a maior crueza, regozijando-se com o que tinha feito. Pensei em entregá-lo ao inspetor da Scotland Yard, mas com isso infringiria o juramento

feito a minha mãe. Não podia escondê-lo em minha casa, onde a polícia, que tinha descoberto a ligação do assassino comigo, certamente o procuraria. Saímos às pressas, num hansom de aluguel que apanhamos em Devonshire Street, ele camuflado com óculos — meus óculos — e um chapéu que lhe cobria inteiramente o rosto. Atravessamos toda a cidade, saindo dos bairros elegantes até chegarmos às ruas fétidas e enlameadas de Whitechapel, onde o cavalo devia ser contido para não atropelar a multidão de miseráveis que puxavam carroças e carrinhos, gritavam, brigavam, ou simplesmente passavam de cabeça baixa. Crianças pálidas e macilentas, vestidas de trapos, buscavam comida nas montanhas de lixo acumuladas junto à canaleta, em que corriam águas imundas. As prostitutas já se ofereciam nas esquinas — pobres mulheres que haviam recusado o trabalho malsão das fábricas de fósforos ou as jornadas massacrantes das casas de costura, que rendiam poucos pennies. Finalmente, conseguimos sair de Londres e, já no campo, avistei uma pequena pousada, onde o deixei, pagando alguns dias adiantados. Mas o crime tinha deixado toda a cidade horrorizada e a descrição do assassino estava em todos os jornais. Sabia que mais cedo ou mais tarde seria reconhecido e levado pela polícia. A força esperava inexoravelmente por ele.

Voltei para casa profundamente angustiado. Foi quando você me visitou, Utterson, e achou que eu estivesse mortalmente doente. Só que minha doença era do espírito, não do corpo. Jurei a você que nunca mais veria Hyde e, mais tarde, disse à polícia não saber de seu paradeiro e que, se o assassino se apresentasse, o entregaria.

E me pus a pensar no que fazer. Revi minha mãe no leito de morte e o juramento que lhe fizera me veio à mente com toda precisão: não permita que faça mal a si mesmo. Percebi que, mesmo que o salvasse do calabouço e conseguisse mandá-lo para um lugar distante, com documentos falsos, sua perversidade o levaria a matar de novo na primeira oportunidade. Seria novamente caçado pela polícia e eu não teria condições de ajudá-lo.

Salvá-lo de si mesmo. Só a morte poderia fazê-lo. Estava disposto a matá-lo, mas não poderia ser descoberto. E foi aí, como num pesadelo, que engendrei todo o plano. Como já disse, fui à casa do Dr. Lanyon e o corrompi, induzindo-o a jurar o falso. Devo dizer que hesitou, mas quando lhe contei toda a verdade, a piedade que sentiu por mim foi imensa. Além de ficar rico, me salvaria. Penso que esse foi o fator decisivo para que aceitasse. Nisso tudo haviam se passado três dias e eu temia que a identidade de meu irmão fosse descoberta a qualquer momento.

Fui buscá-lo e o trouxe às escondidas ao meu gabinete. Ele estava arrasado. O medo da força o consumia. Mas não havia perdido a arrogância. E quando eu, numa última tentativa, tentei

obter um juramento, uma promessa solene de que, se o fizesse escapar, mudaria de vida, me olhou com escárnio, dizendo: da minha vida cuido eu. Tive a certeza de que jamais se emendaria. Era preciso mesmo salvá-lo de si mesmo.

Estava muito agitado. Disse que o levaria ao porto para que tomasse um navio. Pedi que vestisse minhas roupas para melhorar o disfarce. A pretexto de lhe dar um calmante, preparei uma poção de cianureto. Estranhou o sabor de amêndoas, mas por sorte nada sabia de venenos.

Caiu morto, com o copo nas mãos. Não o toquei. Escrevi-lhe a carta, Utterson, a carta em que todos acreditaram. Vesti as roupas de Hyde, que me ficaram pequenas, de modo a me tornar irreconhecível, e seu chapéu de abas largas. Saí pela porta do gabinete. A chave foi encontrada na parte de dentro, mas eu havia conseguido que um chaveiro, ignorante e analfabeto — incapaz de ligar o serviço ao que aconteceria — fizesse uma reprodução da chave. Por isso a primeira chave foi encontrada no piso do gabinete. A segunda não giraria com ela na fechadura.

Fui para o porto a pé. Na verdade, a passagem de que falara a Hyde era para mim. Um ex-presidiário, que havia curado de uma grave enfermidade e que me era muito reconhecido, falsificou um passaporte em nome de uma pessoa imaginária.

Cheguei à Índia, viajando na terceira classe. Havia levado comigo um pouco de dinheiro que me serviu para instalar-me e iniciar uma nova atividade, muito diferente da de médico. Sou um comerciante, agora, e vivo sob falsa identidade.

Mas a consciência me atormenta. Não sou um comerciante, Utterson, sou um assassino. Menti e me tornei famoso com uma fraude. Quando soube que o Dr. Layton tinha morrido, percebi que podia contar a verdade. Sei que isso me devolveria a paz, mas não tenho coragem. O patíbulo, a destruição da imagem do Dr. Henry Jekyll, o repúdio e o opróbrio dos cientistas, a vergonha, o abandono, a total solidão. Passaria à história como um impostor que zombou da ciência, dos amigos, da sociedade. Não tenho coragem, Utterson.

Por isto lhe escrevo. Deixo a você a decisão, porque o respeito, o admiro e porque foi meu melhor amigo. Qualquer que seja, juro-lhe que a acatarei. Se achar que devo entregar-me, mande uma mensagem à Caixa Postal n. 307, em Nova Déli. Se se apiedar de mim, deixe as coisas como estão. Viverei uma vida de remorsos, mas estarei salvo.

Perdoe-me por tudo que lhe fiz e por deixar agora a decisão em suas mãos.

Henry Jekyll

O Sr. Utterson leu a carta duas vezes. Estava transtornado. Como homem de lei, tinha uma escolha clara. Era a única que poderia fazer. Mas hesitava. A história dramática de Henry Jekyll tocara-o profundamente. Sempre fora ríspido, frio, um tanto quanto limitado. Havia se assombrado com a primeira carta do amigo Jekyll, mas curvara-se aos mistérios da ciência. E agora descobria que tinha sido um engodo, uma mentira, uma falsidade. No entanto, perguntava a si mesmo: que mais poderia fazer meu pobre amigo?

Mas cada um tem que pagar pelos atos que praticou, pensou, ainda que tenha justificativas. Talvez Jekyll se salvasse da pena de morte, talvez o tribunal fosse clemente. Mas estaria arruinado para sempre. De herói a vilão.

Mal percebeu que o mordomo havia entrado. Meia hora depois – um atraso imperdoável –, mas ele nem reparou. James depositou a bandeja com o copo de *sherry* numa mesinha ao lado da poltrona e se justificou: ainda era muito cedo para sua bebida, senhor. Utterson parecia não ter escutado. Notando a fisionomia perturbada do patrão, ainda com a carta nas mãos, o criado atreveu-se a perguntar: “Alguma má notícia, senhor?”

Utterson pareceu sair de um sonho. Olhou para o mordomo – um homem velho, cansado, que ainda precisava trabalhar de sol a sol e que se preocupava com ele mais do que consigo próprio. A vida é injusta, pensou. As leis não conseguem remediar a tudo.

“Nada de importante, James” – disse, numa voz rouca. Olhou para a lareira e atirou a carta no fogo.

H. B. Rainha do Punhal.

(Fragmento.)

Salve! Noites do Oriente,
Noites de beijos e amor,
Onde os astros, são abelhas
Do ether na larga flor.
Onde pende a meia lua
Como cimitarra nua
Por sobre um dolman aral.
E a raga dos Dardanellos
Beija em lascivos anulos
As sandalias do alto lal

Nós e a poesia

ARNALDO NISKIER

Não é de hoje que se registra que o poeta é um pastor de almas. Por que não se pode afirmar o mesmo do professor? Só que este tem uma ação sistemática sobre o seu público cativo, que são os alunos, enquanto os vates operam de acordo com a sua inspiração – e para um público difuso, embora cada vez mais numeroso.

O que nos levou a criar o PIL (Projeto de Incentivo à Leitura), no ano passado, em colaboração com a Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro, foi a sensação de que precisamos estimular, no espírito dos jovens, o gosto pela leitura, seja ela em prosa ou em verso.

O resultado do concurso, em 2003, quando o tema era o livro, foi esplendoroso. Tanto em número quanto em qualidade. Na entrega dos prêmios, em bonita cerimônia na Academia Brasileira de Letras, foi curiosa a reação dos muitos imortais lá presentes. Surpreenderam-se com a qualidade dos textos, a sua originalidade, as muitas doses de criatividade em cada trabalho. E aconteceu o imprevisível: após a leitura de um dos textos, a emoção dominou a tradicional Casa de Machado de Assis. Lágrimas pontua-

Palestra no
Colégio Estadual
André Maurois
/ RJ. Rio de
Janeiro, 20 de
outubro de
2004.

ram o rosto de jovens participantes, de experientes professores, mas também dos calejados acadêmicos. O então presidente, poeta Alberto da Costa e Silva, fez inflamado discurso em que elogiou não só a iniciativa, mas tudo aquilo que acabara de assistir: “É incalculável o bem que se presta à cultura brasileira, com esse evento.”

Aqui estamos para o segundo ano, com a marca imprescindível da continuidade. É a vez da poesia, que mexe tanto com os sentimentos do povo brasileiro. Tivemos e temos muitos poetas de nível internacional. Vamos abordar alguns deles, para servir de estímulo a professores e alunos da rede pública de educação.

~ Belezas e mistérios de Castro Alves

Se a arte literária é sempre um desafio público, ser poeta é desafiar a opinião e a razão muitas vezes do próprio poeta. Disse isso na Academia Brasileira de Letras, ao falar, no seu Curso de Literatura Brasileira, a convite de Austregésilo de Athayde.

Em Castro Alves, por exemplo, os poemas mais fortes, muitas vezes herméticos, transmitem beleza e mistério, deixam no espírito do leitor estudioso a dúvida em relação à sua profundidade, à sua causa primeira e à sua amplitude. O que, realmente, tocava a alma do poeta, por exemplo, neste trecho de uma de suas poesias mais inspiradas, intitulada *No Meeting du Comité du Pain*:

*Não deixemos, Hebreus, que a destra dos tiranos
Manche a arca ideal de nossas ilusões.
A herança do suor, vertido há dois mil anos,
Há de chegar intacta às novas gerações.*

*Nós que somos a raça eleita do futuro,
O filho que Deus amou, qual Benjamin...*

Em cada um dos versos, à exceção do quarto, Castro Alves relembra a história judaica. Em *Os Escravos*, o poema “Século” compara a mocidade a “Moisés no Sinai”.

O que reivindicava Castro Alves em seus poemas? Terá sido, ele também, um assumido cristão-novo?

Que interpretação final devemos dar, nos dias de hoje, a *Vozes d’África*? Logo na primeira estrofe, o poeta diz: “Há dois mil anos te mandei meu grito.” Que grito terá sido? Na geografia abstrata do lirismo, por onde terão voado as asas do Condor?

Resposta precisa não existe. Ditá-la, seria transformar a arte do verso numa ciência exata, com o que definitivamente não concorda a estudiosa Lia Silva Mendes. Se ela se identifica com a liberdade de criação do poeta, com isso dá razão a Lêdo Ivo, que aponta como defeitos de Castro Alves as negligências e limitações, “que só os poetas manifestamente geniais têm o direito e até o dever de ostentar”.

Antônio Frederico de Castro Alves nasceu na fazenda das Cabaceiras, no interior da Bahia, no dia 14 de março de 1847, e ali viveu até os sete anos. Junto aos pais e a sua ama-de-leite, Leopoldina, ouviu as primeiras histórias sobre os horrores da escravidão. Segundo um de seus biógrafos, Waldemar Matos, este lugar deixou sulcos inapagáveis na alma do poeta, que viria a ser o consagrado cantor dos escravos.

Desde cedo, despertou-se a vocação poética de Castro Alves. No dia 3 de julho de 1861, ainda no ginásio, com 14 anos de idade, o poeta declamou a sua primeira poesia, na festa de comemoração da liberdade da terra baiana. Já se prenunciava a sua genialidade:

*Se o índio, o negro, o africano,
E mesmo o perito hispano
têm sofrido servidão;
Ah! Não pode ser escravo
Quem nasceu no solo bravo
Da brasileira região!*

~ O gosto pela leitura

Já se vai criando, em nosso país, uma consciência favorável ao hábito de leitura, expressão que prefiro ver substituída por outra bem mais simpática: gosto pela leitura. De fato, e a partir de 1971, com a aprovação da Lei n.º 5.692, que reformou o ensino de primeiro e segundo graus, os professores brasileiros passaram a dar tratamento preferencial às propostas de leitura em classe. Hoje é comum, mesmo em escolas públicas, sempre mais modestas, a recomendação para que os alunos leiam determinados livros, em geral de autores brasileiros, para que depois discutam em sala de aula com colegas e mestres. É uma atividade altamente enriquecedora.

A propósito do gosto pela leitura, fiz uma palestra para 300 professores da Secretaria Municipal de São Paulo. Todos pertencem ao programa Salas de Leitura, que hoje são mais de 350 na capital paulista. Elas são abastecidas com livros predominantemente ligados à educação ambiental.

Contei aos colegas o que tinha visto na França e nos Estados Unidos, em matéria de qualidade editorial, chamando a atenção para a necessidade de melhorarmos as nossas publicações. Uma professora, com jeito muito simples e direto, disse que não estava preocupada com livros de capa dura, nem ilustrações deslumbrantes. Mesmo com livros modestos, pobres, o importante era dar ao aluno o produto com o qual, muitas vezes, ele iria iniciar o seu longo aprendizado e uma relação de amor com esse elemento insubstituível de cultura.

A professora Nancy Ventura, da Secretaria Municipal de Educação, responsável pelo programa Salas de Leitura, concordou com a apreciação da sua colega, mas enfatizou que se pudessemos melhorar a qualidade daquilo que é oferecido aos nossos estudantes, por que desprezar a hipótese? A seguir, anunciou que está em curso uma enorme compra de livros, a fim de que as bibliotecas públicas sejam abastecidas e reabastecidas periodicamente. A sua informação foi muito aplaudida.

Temos ainda um baixo índice de leitura em nosso país (menos de dois livros por habitante). É a tese que defendemos com muito entusiasmo.

~ O que fazer para que se leia mais?

O que fazer para que nossos alunos leiam mais? A resposta não é tão simples. O livro precisa ser colocado à disposição do jovem leitor, a fim de que ele penetre na história, interagindo como co-autor. Para que essa interação se faça de modo efetivo, alunos e professores devem participar ativamente da seleção do material, a fim de que ele responda às suas indagações. Exemplo: se o tema de uma sexta ou sétima série for corrupção na vida pública, o que existe disponível, em termos de literatura infanto-juvenil, para que seja lido em classe? No caso, escrevemos duas sátiras políticas que se prestariam a um trabalho dessa natureza (*A Constituinte da Nova Floresta* e *A República das Saúvas*).

Se na oitava série do ensino fundamental houver uma discussão em torno do massacre de índios, não seria o caso de oferecer aos alunos o livro *A Tragédia dos Ianomâmis*? É preciso que os estudantes encontrem nos livros sugeridos guarida para as suas indagações. Eles não lêem apenas para se livrar de uma obrigação com a escola, mas para debater teses, pontos de vista e confrontar leituras, num fenômeno de interlocução coletiva. Lendo romances, contos, crônicas ou poesias, os alunos alcançam resultados, num fenômeno de expansão irresistível, em que todos entram, como afirma o especialista Antônio José Filho: “Expondo suas idéias e se expondo enquanto sujeito, o leitor, agora co-autor do texto lido, contribui para uma síntese coletiva, que redundará em síntese individual, ampliando o ‘sistema de referência’ de cada leitor.”

Os professores podem, discretamente, variar a oferta literária, entendendo que a literatura não é língua somente. A leitura da obra literária, luxuosa ou não, é o ponto de partida ou regra de ouro do ensino de letras, que lidará com gêneros ou tipos conhecidos desde Aristóteles. Assim são criados os fundamentos literários para trabalhar o lirismo, a narrativa (conto, romance, epopéia, etc.) e outros tipos, como as memórias, o diário, a máxima. Identificar o gênero é um primeiro e fundamental exercício, a que se deve somar o exame da estrutura da narrativa: enredo, personagem, tempo, ordem do relato, suspense, apresentação e desfecho.

Vale a pena conhecer esses pormenores, para que se estimule o jovem brasileiro a ler e escrever mais e melhor.



Augusto dos Anjos: universal e eterno

MURILO MELO FILHO

Este texto não é dedicado a um grande político, a um bravo general, a um admirável empresário, a um inesquecível jurista ou até mesmo a um brilhante escritor. Mas a um poeta simples, que escreveu um único livro, nascido no dia 20 de abril de 1884, em pleno reinado do patriarcalismo, no Engenho Pau d'Arco, próximo de um lugarejo humilde, a Vila do Espírito Santo, no município de Sapé, região da várzea nordestina. O Nordeste vivia então os últimos anos do século XIX e sofria os rescaldos de sucessivas secas na década de 80.

Seu nome: Augusto de Carvalho Rodrigues dos Anjos. Ou, simplesmente, Augusto dos Anjos, que teve uma vida obscura e curta, pois viveu apenas 30 anos. Filho de Alexandre Rodrigues dos Anjos e de Córdula (Sinhá Mocinha), teve sete irmãos: Artur, Alexandre, Aprígio, Alfredo, Odilon, Francisca e Juliana.

Jornalista, trabalha na imprensa desde os 18 anos. Como repórter político, escreveu centenas de reportagens sobre o Brasil, entrevistou personalidades do mundo inteiro e tem vários livros publicados, entre os quais *O Modelo Brasileiro* e *Testemunho Político*.

Albrecht Dürer (1471-1528)
A Melancholia, 1514. Gravura a buril, 23,8 x 18,9 cm.
Sala Edmond de Rothschild, Louvre, Paris.

~ Menino bem-nascido

Bem-nascido, com um pai, homem culto, senhor de dois engenhos – o Pau d’Arco e o Coité – Augusto não viveu uma infância desamparada e pobre. Ao contrário, chegou a ter professores de latim, grego, italiano, inglês e francês.

Com a crise provocada pela Abolição da Escravatura, em 1888, ele passou a pertencer a uma decadente família da aristocracia rural: na virada do século, os dois engenhos faliram e foram absorvidos pela Companhia Anglo-Holandesa de Engenhos Centrais.

A esses engenhos, à sua casa-grande e senzala, aos seus canaviais, aos seus açudes (quase sempre secos), aos seus paus d’arcos roxos de outubro e aos seus paus d’arcos amarelos de novembro, o garoto Augusto nunca teve muito amor. Não guardou muitas saudades de sua infância e de sua juventude.

A única lembrança que delas lhe restou foi a de um velho tamarindo, próximo da casa-grande, sob cujos galhos frondosos ele se deixava ficar horas inteiras, inteiramente absorto e divagante. Consagrou depois a esse tamarindo versos inesquecíveis, panteístas e premonitórios:

*No tempo do meu Pai, sob estes galbos,
Como uma vela fúnebre de cera,
Chorei bilhões de vezes com a canseira
De inexorabilíssimos trabalhos!*

*Hoje, esta árvore, de amplos agasalhos,
Guarda, como uma caixa derradeira,
O passado da Flora brasileira
E a paleontologia dos Carvalhos!*

*Quando pararem todos os relógios
De minha vida, e a voz dos necrológios
Gritar nos noticiários que eu morri,*

*Voltando à pátria da homogeneidade,
Abraçada com a própria Eternidade.
A minha sombra há de ficar aqui!*

(“Debaixo do Tamarindo”)

~ Vinda para o Rio

Augusto dos Anjos tinha apenas 21 anos de idade quando seu pai morreu. Três anos depois, morria seu tio. Já formado em Direito, pela Faculdade do Recife, casou-se com Esther Fialho, moça pobre, que foi praticamente o único amor de sua vida. Estudou no Liceu Paraibano, onde chegou a lecionar Literatura, no cargo de professor interino, do qual se demitiu em 1910, quando rompeu com João Machado, o governador do Estado.

Augusto queria uma licença para vir ao Rio, cuidar do lançamento do seu livro de poesias. Caso conseguisse aqui um emprego público no Colégio Pedro II, liberaria o governador de qualquer compromisso, requerendo sua demissão em definitivo. Mas, por enquanto, precisava guardar aquele empreguinho como interino do Liceu Paraibano. No começo da audiência, o ambiente ainda era de compreensão e tolerância. Mas, pouco a pouco, o governador foi ficando enraivecido: “Se quer ir para o Rio, que vá, por sua conta e risco. E se voltar, não conte com nova nomeação. Ora, meu caro Dos Anjos, não insista e não me amole mais.”

Revoltado com a negativa do governador, e um pouco na base do desespero, Augusto vem no navio *Acre* para o Rio, onde perde o primeiro filho, num parto prematuro. Saúda-o com um soneto datado de 2 de fevereiro de 1911, com a seguinte dedicatória:

“Ao meu primeiro filho, nascido morto, com 7 meses incompletos.”

Desdobra-se em dar aulas particulares, em subúrbios distantes, sobre filosofia, direito civil, direito romano, direito constitucional e direito internacional. Passa muitos apertos financeiros, mudando várias vezes de pensão e de residência, até conseguir um emprego de professor interino de Geografia e Cosmografia

na Escola Normal (hoje Instituto de Educação) e outro emprego de professor no Ginásio Nacional (hoje Colégio Pedro II), em substituição a João Carlos Lisboa, o único político da Paraíba, que muito o ajudou, pois os outros tudo lhe negaram.

O ano de 1912 marcou o lançamento do seu único livro, *Eu*, custeado por ele mesmo e pelo irmão Odilon, com 58 poemas e uma tiragem de mil exemplares, ao custo de 550 mil réis, que Augusto prometeu pagar a Odilon, mas que nunca o fez, porque o livro, de início, vendeu apenas 10 exemplares.

Nesse mesmo ano, nasceu sua filha Glória e, no ano seguinte, seu filho Guilherme.

~ A crítica indiferente

A publicação desse seu livro aconteceu dois anos antes de sua morte, ocorrida em 1914, quando começavam a troar na Europa os canhões da Primeira Guerra Mundial.

Sua poesia, a princípio, ficou praticamente incógnita e desconhecida pela crítica indiferente. Não causou, naquele momento, nem notoriedade e muito menos escândalo, sequer o interesse da crítica, mas que iria crescer em popularidade, até transformá-lo num dos poetas mais lidos de toda a literatura brasileira.

Desde o começo, o seu livro era bem representativo daqueles anos de transição entre 1910 e 1922, em plena passagem do século XIX para o século XX, um tanto ou quanto parnasiano e simbolista, original e diferente.

Do Parnasianismo, é provável que tenha herdado um pouco a rima e a simetria dos seus sonetos. Do Simbolismo, talvez tenha recebido as figuras alegóricas, que permearam os seus sentimentos.

~ A princípio, desprezado

Incompreendido, foi desprezado por um vasto segmento da intelectualidade brasileira, que não entendia o gosto macabro dos seus temas, ou o linguajar

pretensioso das suas estrofes, tidas como pseudocientíficas e mais apropriadas a um livro de medicina legal. Doía-lhe muito essa indiferença, explicada na época pelo fato de a sua poesia bater de frente com os padrões vigorantes.

Não pertencia a nenhum grupo literário, nem às “curiolas”, colocando-se à margem de todas elas. Abriu o seu próprio caminho, sem receio das incompreensões e dos julgamentos. Considerou que tinha uma mensagem poética a proclamar e não teve medo sequer de ser singular e esquisito, adotando uma poética longe da fisiologia de Taine, do mundanismo de Proust e da intuição de Bergson.

Foi um egoísta, a começar pelo próprio título do seu livro. Mas foi também um fatalista e um pessimista à sua moda e ao seu estilo:

*Eu, filho do carbono e do amoníaco,
Monstro de escuridão e rutilância,
Sofro, desde a epigênese da infância,
A influência má dos signos do zodíaco.*

*Profundissimamente hipocondríaco
Este ambiente me causa repugnância...
Sobe-me à boca uma ânsia análoga à ânsia
Que se escapa da boca de um cardíaco.*

*Já o verme — este operário das ruínas —
Que o sangue podre das carnificinas
Come, e à vida em geral declara guerra,*

*Anda a espreitar meus olhos para roê-los,
E há de deixar-me apenas os cabelos,
Na frialdade inorgânica da terra!*

(“Psicologia de um Vencido”)

Muito desejou ter paz de espírito, saúde e sossego interior. Como resposta, encontrou apenas o turbilhão da dor, o torvelinho da doença, o desespero da confiança, o sorvedouro da esperança, a voragem da morte.

Foi um barroco estilista e um gótico intelectual, um tanto ou quanto místico, com metáforas de tragédias.

Segundo seu conterrâneo José Américo de Almeida, Augusto dos Anjos foi um intelectual fanático de sua arte. Tudo contribui para que esse verso, hígido, se torne terrivelmente sugestivo, com música, intensidade e precisão.

A música tem estranhas consonâncias de melodias clássicas e vozes selvagens. A intensidade era de sonhos, sempre exaltados e impetuosos. A precisão vem da justeza de expressões sabiamente achadas.

O poeta do horror finge que não se comove com as suas criações delirantes.

~ Arredio e estranho

Era um tipo arredio, estranho, recluso, o anti-escândalo, o anti-romântico, o antiboêmio, o antifarra (não bebia álcool e fumava pouco), meio solitário e desajustado, um admirador da morte, pesado, pobre e desambicioso, que falava o mínimo possível e o estritamente necessário.

Revela-se um excêntrico no vestir e no falar.

Fisicamente, era débil e fraco, alto e franzino, braços longos e sacudidos, ombros curvados, olheiras pronunciadas, olhos grandes e meio parados, passos indecisos, andar confuso, hesitante e sem prumo, moreno

Tinha no rosto a face da amargura e da dor. Dormia pouco. Seus olhos bem abertos denunciavam a vítima cruel da insônia.

Durante o dia, era um inquieto, andando de um lado para outro, como uma mulher grávida impaciente com as dores do parto.

Deitado, à noite, sente que a inspiração está lhe voltando. E compõe os seus sonetos perfeitos, em meio a distúrbios nervosos e uma intensa vontade de chorar.

Considerava-se um filósofo da poesia, algo sádico e mórbido, que se debatia nos íntimos entrechoques de crenças espirituais.

De sua constituição interior, conhecem-se apenas manifestações de rebeldia, inconformismo, críticas, psicopatias e tiques nervosos.

Foi no seu tempo um profeta, que previu o futuro da ciência em geral e da astronomia em particular, da qual era um entendido.

Chamavam-no “Doutor Tristeza” e “Doutor Melancolia”. Era realmente um homem triste e melancólico.

Chegou a ser erradamente apresentado como um pré-modernista. Que detinha um extraordinário potencial poético, influenciado por Álvares de Azevedo, Cruz e Sousa, Antero de Quental, Antonio Nobre, Sílvio Romero, Martins Júnior, Cesário Verde, e pela Escola do Recife, que deu uma nova cadência à poesia brasileira, com traços do romantismo paraibano, de áspera e angulosa musicalidade.

Inspirou-se um pouco em Poe, Rimbaud, Mallarmé e Gide.

Nele são visíveis as marcas do negativismo e do evolucionismo de Spencer, do selecionismo de Darwin, do monismo de Haeckel, com inspiração em Buchner, Schopenhauer, Spinoza, Kafka e Baudelaire.

Esse paraibano lírico extravasou em versos imortais todo o conflito de sua alma atormentada, aflita, agnóstica e materialista, retratando o cotidiano cruel e revoltando-se contra o tradicionalismo da poesia brasileira daquele tempo, que justamente por isto, de saída, não o aceitou.

Exerceu na poesia a missão que Euclides estava exercendo na prosa e que Rosa ampliaria depois, como inovadores do estilo, fazedores de expressões e rebeldes do vernáculo.

~ Cientificista e filosofante

Para Antônio Houaiss, ele foi e será sempre incluído numa modalidade de poetas, ao mesmo tempo cientificistas, à semelhança de Rimbaud, e filosofantes, como Antero de Quental: “Em consequência dos usos simbólicos que fez do

material não raro de procedência científica, dos usos analógicos e correlatos para fins de enlace estético e emocional, sobreveio uma natural tendência de sua poesia como esotérica por estar na sistemática de certas doutrinas místicas.”

Já para Gilberto Freyre, havia em Augusto dos Anjos um deleite patológico, uma volúpia estranha, uma tensão quase sádica em versejar sobre a corrupção física dos seres e das coisas que o rodeavam: “Foi uma *avis rara* no Brasil, ao reunir em poemas muitas preocupações filosóficas. Com um monismo materialista, tinha uma filosofia sectária, em idéias e preconceitos que adquirira dos Haeckel e dos Buchner.”

~ Versos novos

Mas hoje já se reconhece que foi um desbravador da metodologia poética, um pioneiro dos novos versos, um poeta da paixão, com a coragem e a ousadia próprias do jovem paraibano, que decidira implodir as falsidades do seu tempo e as máscaras da sua sociedade.

Exercitou uma poesia científica, cósmica e biológica, além de um verso técnico. Sua poética era densa, forte, exaltada, febricitante, impetuosa, temática e solitária.

Seus versos são talhados e lapidares, construídos numa metrificacão perfeita, com absoluto respeito à rima e com esquisitices léxicas, o uso e o abuso de palavras exóticas e tecnicistas.

Foi tido como um mago verbal, um fetichista insólito e um retórico inimitável, que se comprazia em elaborar metáforas de enorme efeito.

Escreveu uma obra de revolta e de protesto contra o niilismo, as mistificações, as doenças, a miséria e a pobreza.

Para ele, o homem era um ser primordialmente solitário, individualista e vazio.

Tinha horror ao sexo, que mal praticava para cumprir os seus deveres conjugais. Nutria por ele um medonho desprezo, achando-o fonte da degradação humana.

Sua poesia concentrou-se na morte, nos enterros, nos lutos, nos cemitérios, nos choros e nos vermes. Considerava-se um cético e um enfermiço.

Apesar de toda essa lúgubre, tétrica e doentia temática, sua poesia é, ainda hoje, extremamente popular. Suas imagens têm uma admirável seqüência, num mesmo desdobramento de delírios, fantasias, pesadelos e alucinações.

Era um arquiteto e um pintor dos versos que produzia mentalmente, declamando-os sozinho, antes de escrevê-los.

E transfigurava-se quando os declamava, com um timbre de voz metálico, apaixonado, terno e complacente.

Alguns dos seus poemas ficaram célebres e são hoje muito declamados, como o “Monólogo de uma Sombra”:

*Eu sou uma Sombra! Venho de outras eras,
Do cosmopolitismo das moneras...
Pólipo de recônditas reentrâncias,
Larva de caos telúrico, procedo
Da escuridão do cósmico segredo,
Da substância de todas as substâncias.*

Ao pai, doente, dedicou uns versos:

*Magoaram-te, meu Pai?! Que mão sombria
Indiferente aos mil tormentos teus
De assim magoar-te sem pesar havia?!*

*— Seria a mão de Deus?! Mas Deus enfim
É bom, é justo, e sendo justo,
Deus não havia de magoar-te assim.*

(“Sonetos”, I)

Ao pai, morto, escreveu:

*Madrugada de Treze de Janeiro,
Rezo, sonhando, o ofício da agonia.
Meu Pai nessa hora junto a mim morria
Sem um gemido, assim como um cordeiro!*

*E eu nem lhe ouvi o alento derradeiro!
Quando acordei, cuidei que ele dormia,
E disse à minha mãe, que me dizia:
“Acorda-o!” Deixa-o, Mãe, dormir primeiro!*

*E saí para ver a Natureza!
Em tudo o mesmo abismo de beleza,
Nem uma névoa no estrelado véu...*

*Mas pareceu-me, entre as estrelas flóreas,
Como Elias, num carro azul de glórias,
Ver a alma de meu Pai subindo ao Céu!*

(“Sonetos”, II)

~ Sonetos famosos

Com um pessimismo introspectivo, deixou alguns sonetos famosos: “Tristezas de um Quarto-Minguante”; “Gemidos de Arte”; “Engenho”; “Vítima do Dualismo”; “O Corruptão”; “Canto d’Onipotência”; “A Árvore da Serra”; “A um Carneiro Morto”; “Uma Noite no Cairo”; “Versos Íntimos”; “Solilóquio de um Visionário”; “Sono de um Monista”; “Lamento das Coisas”; “Budismo Moderno”; “As Cismas do Destino”; “Os Doentes”; “Mistérios de um Fósforo”; “Queixas Noturnas”; “Vandalismo”; “Último Credo” e “Alucinação à Beira-Mar”.

Vários deles desfilam nas páginas do *Eu*, ao longo dos quais se exhibe uma espécie de versos científicos, quando se fala em *epigênese*, *filogênese*, *larvas*, *moneras*, *macacos catarríneos*, *necrófagas*, *rutilância*, *uberdade*, *transcendentalismo*, *templários*, *gládios*, *bastas*, *amaríssimas*, *cosmopolitismo* e *pólipos de recônditas reentrâncias*.

Não raro, usava certas palavras quase pelo avesso.

Suas rimas são perfeitas, decassílabas, sonoras e harmoniosas. A cadência é própria de um gênio rústico da poesia métrica, numa linguagem renovadora e revolucionária, uma escola de teratologia, com uma teatralidade musical e uma nova estética.

Ele teve a obsessão por mensagens de enorme conteúdo científico e filosófico. Usou e abusou de rebuscadas estruturas, de expressões singulares e incommuns, recursos estilísticos, temática original, lirismo agressivo e construções escatológicas.

~ A ida para Minas

Em 1913, já com problemas pulmonares, transferiu-se para a cidade mineira de Leopoldina, levando a família, em busca de melhores condições para a sua precária saúde. Aí chegou a ser promotor público, professor e diretor da Instrução Municipal.

No dia 25 de julho de 1914, foi nomeado Diretor do Grupo Escolar Ribeiro Junqueira, daquela cidade, onde, três meses depois, era acometido de uma forte gripe.

Na semana seguinte, debaixo de chuva, acompanhou o enterro de um amigo. Continuava gripado, mas, assim mesmo, permaneceu no sepultamento até o fim da cerimônia. Quando chegou em casa, a gripe já se transformara numa perigosa pneumonia dupla, que lhe corroeu os pulmões e terminou matando-o numa fria madrugada do dia 12 de setembro de 1914.

Augusto dos Anjos viveu bem pouco, porque, quando morreu, tinha apenas 30 anos e sete meses de idade, mas deixou uma enorme bagagem de versos,

todos rimados. Deixou também viúva com dois filhos pequenos e necessitados de tudo.

Enterraram seus restos mortais inicialmente numa cova rasa em Leopoldina e, depois, num túmulo construído mediante subscrição pública promovida por Paschoal Carlos Magno.

~ Inconformada Paraíba

Até agora, baldaram-se esforços de trasladá-los para a Paraíba, sua terra natal, que ainda não desistiu de reivindicar a posse dos seus ossos. Ela guarda e reverência a memória do seu grande filho, enquanto divide com o resto do país a lembrança daquele que foi um dos nossos maiores poetas.

Os paraibanos nunca se conformaram com essa expatriação de Augusto dos Anjos, que hoje já não é mais uma glória apenas desse modesto estado nordestino, mas sim de todo o Brasil.

Eles já têm uma plêiade enorme de filhos ilustres, entre outros: Vidal de Negreiros, Epitácio Pessoa, José Américo de Almeida, José Pereira, João Suassuna, João Pessoa, Pereira da Silva, Branca Dias, Assis Chateaubriand, José Lins do Rego, Santa Rosa, Pedro Américo, Antônio Dias, Jackson do Pandeiro, José Siqueira, Samuel Duarte, João Agripino, Antônio Mariz, Ernani Sátiro, Argemiro de Figueiredo, Ruy Carneiro, Ariano Suassuna e Celso Furtado.



A 1.^a edição do seu livro *Eu* foi publicada em 1912, dois anos antes de sua morte, ocorrida em 1914, com uma reduzida repercussão na crítica e até com uma saraivada de ataques, como os proferidos por Osório Duque-Estrada, que o chamou de “rimador de despautérios e de sandices sem nexos”.

A 2.^a edição só viria a público em 1919, cinco anos depois de sua morte, por iniciativa de Orris Soares, que a prefaciou, impressa na Imprensa Oficial da Paraíba, cujo governo a custeou, com mais 48 poemas, que Augusto dos Anjos produzira e publicara esparsamente em jornais locais.

Aí este seu único livro passou a ter o título de *Eu e Outras Poesias*, com o qual, de então para cá, já se imprimiram outras 42 edições consecutivas, num total superior a 500 mil exemplares vendidos – um recorde absoluto e até hoje não superado em matéria de livros brasileiros de poesia.

Somente aí, depois de morto, passou a ser um poeta respeitado, conhecido e admirado.

~ Poesia atual

É que sua poesia continua hoje mais atual do que nunca, recitada nas salas de aula, nos saraus literários, nas Academias, na própria rua, a comprovar que o verso, desde Virgílio, Horácio, Milton, Shakespeare e Dante, não sofreu o desgaste do tempo e, ao contrário, consagrou a perenidade dos poetas.

Pergunta-se, hoje, apenas o seguinte: por que demorou tanto o reconhecimento de Augusto dos Anjos, que ele esperou ansiosamente em vida, mas que só sobreveio anos após a sua morte?

Pergunta-se ainda: como pôde sair lá de uma modesta vila perdida na várzea paraibana um talento poético tão forte e tão prodigioso?

Pergunta-se também: como pôde finalmente ser aceito pelo povo simples um poeta tão complicado em suas palavras, tão ininteligível em seus versos e tão rebuscado em seu vocabulário?

À semelhança de Baudelaire, com *As Flores do Mal*, ele foi o poeta de um livro só, mas que ascendeu a patamar ímpar, legando-nos uma obra completa e inteira.

Augusto dos Anjos pode até não ter sido um poeta moderno. Mas foi eterno, único, inimitável e universal.



Meu amigo e compadre Pablo Neruda

ZÉLIA GATTAI

Sinto-me honrada e comovida de estar aqui, hoje, participando de uma homenagem dedicada ao centenário de Pablo Neruda, centenário de um grande homem, grande poeta de quem tive a sorte de ser comadre e amiga durante grande parte de minha vida.

Há muitos e muitos anos, há 67, precisamente, ouvi pela primeira vez a voz de Pablo Neruda, tomei conhecimento da existência do Poeta. Naquela época não havia televisão e o rádio cumpria a missão de transmitir, entre outros programas, dois ou três noticiários diários. Eu não perdia o de meio-dia, quando falavam sobre a guerra civil da Espanha, iniciada em 1936, uma guerra comandada por Francisco Franco. Foi num desses noticiários que ouvi a voz pausada e lenta do poeta Pablo Neruda num poema de revolta e dor, protestando contra o assassinato de um amigo, o grande escritor, poeta e dramaturgo, Federico Garcia Lorca, que vinha de ser fuzilado pelos franquistas.

Ainda outras vezes ouvi a voz de Neruda, usando sua poesia, poderosa arma, contra aquela guerra que instalava na Espanha um regi-

Discurso proferido nas comemorações do centenário de Pablo Neruda, em 12 de julho de 2004, na Academia Brasileira de Letras, quando foi realizada uma exposição de fotografias do Poeta, organizada e enviada pela Fundação Casa de Jorge Amado da Bahia.

me ditatorial. Quando ia eu pensar, naquela ocasião, que um dia esse fabuloso Poeta se tornaria um de meus mais caros amigos e, ainda por cima, compadre?

Conheci Pablo Neruda, pessoalmente, em 1945, em São Paulo. Também pessoalmente vim a conhecer, na mesma ocasião, outra grande figura, um escritor que, havia anos, eu admirava à distância: Jorge Amado. A Segunda Guerra Mundial entre o eixo nazi-fascista, comandado por Hitler e Mussolini contra as forças aliadas, chegava ao fim. Também no Brasil o regime ditatorial do Estado Novo, após dez anos, terminava. Havia motivos de sobra para se comemorar e o povo ia às ruas.

Sabendo que intelectuais vindos de todo o Brasil arregaçavam as mangas para apressar a libertação dos presos políticos, fui correndo ao comitê de organização que se instalara, queria dar uma ajuda. No movimentado comitê preparavam uma grande festa, um comício monstro a ser realizado no Estádio do Pacaembu para comemorar a libertação de Prestes. Havia trabalho para quem quisesse ajudar e eu me apresentei. Jorge Amado viera da Bahia e encabeçava o movimento. Convidado, Pablo Neruda chegou a São Paulo às vésperas do acontecimento. Naquele estádio, superlotado, eu ouviria novamente a voz pausada e lenta, quase um lamento, de Neruda declamando um poema a D. Leocádia, mãe de Prestes.

Pablo chegara com Delia Del Carril, sua mulher, e Jorge decidiu que eu devia fazer companhia à senhora. Interessado em mim, achava essa boa desculpa para que eu participasse de todos os programas – e não foram poucos – onde ele também estaria presente.

Um clima de interesse amoroso rolava entre nós dois, mas nada ainda fora dito.

Os dias que Pablo Neruda passou em São Paulo foram suficientes para que o entendido no assunto percebesse o namoro entre Jorge e eu. Ao nos despedirmos, sorrindo, um ar de malícia, ele nos disse: “Espero voltar breve e encontrá-los casados.”

Pablo Neruda voltou ao Brasil em 1947, participaria de um festival de poesia no Rio de Janeiro. A essa altura, nós morávamos no Rio, Jorge fora eleito deputado federal e eu esperava um filho.

Encontrava-me na maternidade quando recebi a visita de Neruda e de Nicolás Guillén, poeta cubano, outro amigo de nossa admiração. Nicolás aproximou-se do bercinho onde João dormia e declarou: “Vou ser padrinho de João”. Neruda não perdeu tempo: “Eu serei a madrinha”. E assim foi que nos tornamos, além de amigos, compadres.

Ainda um retrocesso democrático no Brasil nos levou ao exílio, em 1948.

Estava eu no hotelzinho em que morávamos, em Paris, quando Jorge chegou afobado, um ar misterioso, e dizendo: “Va’mbora, va’mbora! Tem uma pessoa no bar aí em frente, um certo Dom Antonio, quer ver você.” Não adiantou eu insistir, querer saber de quem se tratava: “É surpresa”, disse.

A surpresa, um homem barbudo que a princípio não reconheci, veio ao meu encontro. “*Comadrita, querida!*” “*Compadre Pablo!*”

Neruda chegara ilegalmente à França. Perseguido no seu país, viu-se forçado a exilar-se. Conseguira com o escritor Miguel Ángel Asturias, grande amigo, cônsul ou embaixador da Guatemala no Chile, não estou certa, um passaporte falso, com o nome de Dom Antonio de não sei quantos, e foi assim que Pablo pôde sair do Chile e chegar a Paris.

Convidado a participar de um congresso de intelectuais pela paz, em Paris, Pablo Neruda precisava legalizar sua situação.

Numa reunião, intelectuais amigos de Neruda, entre outros Frédéric Joliot Curie, presidente do Conselho Mundial da Paz, Pablo Picasso, Louis Aragon, Paul Eluard, Elsa Triolet e Jorge Amado, trataram de resolver o assunto, cada qual mais empenhado.

Delia Del Carril encontrava-se na Suíça e entrara em contato com um diplomata da Embaixada do Chile, que se prontificou a dar um passaporte legal a Pablo caso ele conseguisse ir recebê-lo pessoalmente.

Pablo deveria ir à Suíça de automóvel e passar a fronteira onde lhe pediriam os documentos. Ali estava o problema. Picasso, respeitado e amado por todo mundo, portas franqueadas onde quer que chegasse, prontificou-se a falar com autoridades competentes que permitissem a passagem do Poeta pela fronteira sem ser molestado. Jorge o acompanhou e, durante

um dia inteiro, os dois passaram de Ministério em Ministério até conseguirem a desejada permissão.

Neruda foi a grande estrela do Congresso de Intelectuais pela Paz, dizendo seus poemas, ao lado do grande Paul Robinson.

De Paris fomos juntos à União Soviética. Melhor companheiro de viagem impossível. Ríamos a valer com esse homem de ar tão sério e austero, em quem descobríamos o mais espirituoso, cheio de malícia, inteligência transbordante.

Pablo e Jorge adoravam comprar coisas de toda a sorte e ambos justificavam tais compras, às vezes difíceis de serem transportadas: “*Ya no puedo vivir sin esto!*”, dizia Pablo, e “Sem essa peça minha vida não terá a mais mínima significação!”, dizia Jorge, e iam comprando.

Certa vez, na China, Pablo apaixonou-se por um cavalo esculpido em madeira: “*Ai que ya no puedo vivir sin este caballo!*” Nosso tradutor, também entendido em artes, avisou-lhe: “Esta peça é falsificada; a autêntica se encontra



Jorge Amado e Pablo Neruda, num mercado em Rangoon, Birmânia – 1952.

Foto de Zélia Gattai.

no museu.” E Neruda: “*A mi poco me importa que sea falsificada! Voy comprar este auténtico falsificado.*” E comprou, claro! Em minha casa também, entre os objetos comprados por Jorge, existem vários “autênticos falsificados”.

Com Pablo rodamos esse mundo todo; em alguns países fomos a fim de participar de congressos pela paz e, em outros, por puro prazer. Juntos estivemos em todos os países de democracia popular, visitamos o Ceilão, hoje Sri Lanka, Paquistão, Índia, Birmânia, China... Em cada uma dessas viagens aconteceram mil coisas, histórias que dariam para emendar o dia com a noite. Eu sempre tinha uma novidade para contar ao meu compadre que, ao me ver, ia logo dizendo: “Conta-me cuentos, comadre.”

Após mais de um ano de permanência na França, um dia recebemos o famoso “bilhete azul”: “*quinze jours pour quitter la France*”. Motivo? “*Vous avez trop voyagé*”.

Convidados pela União de Escritores Tchecos, nos mudamos para a Tchecoslováquia. Deram-nos como moradia o Castelo de Dobris, nas proximidades de Praga, castelo onde escritores e artistas iam trabalhar ou passar férias.

Sentindo o clima da guerra-fria, em Paris, antes que também o mandassem embora, Neruda arrumou suas coisas e, a convite do governo tcheco, mudou-se para Praga, onde ficou residindo num hotel na rua principal da cidade. Aos sábados e domingos tínhamos a companhia de Pablo, que vinha para saber das novidades, bater papo sem compromisso. Ele ia chegando e dizendo: “*Conta-me cuentos, comadre!*” E eu sempre tinha cuentos para lhe contar. “— Porque, compadre, — perguntei-lhe um dia — você chama Delia de *hormiga, hormigueta?*” “— Porque me belisca. Me belisca não com a ponta dos dedos, mas com a ponta das unhas. Dor igual a uma ferroada de formiga” — riu.

“— Isso mesmo, belisco sim, mas só quando o vejo fazer charme para as moças que se atiram sobre ele” — explicou Hormigueta.

Neruda chegou um dia com a novidade. Ia ser realizado um Festival da Juventude em Berlim e nós estávamos convidados. Eu certamente não poderia ir, pois estava no fim do oitavo mês de gravidez. Devia ir para Praga, onde aguardaria o momento de ser internada. Pablo, gentilmente, ofereceu-me o seu apartamento no hotel durante a sua ausência.

Paloma já havia nascido e eu ainda me encontrava no hospital, quando, terminado o Festival de Berlim, nossos amigos voltaram. Jorge apareceu no quarto trazendo Pablo e Nicolás Guillén. Dessa vez Pablo não perdeu tempo, aproximou-se do berço de Paloma, e antes que Nicolás se adiantasse, declarou, com voz solene: “– *Voy ser el padrino de Paloma.*” Guillén, também com voz solene, disse: “– *Yo también!*” E assim Paloma ganhou dois padrinhos de vez, padrinhos de gabarito, que acompanharam seus passos até o fim de suas vidas.

Jorge trabalhava num romance em Dobris, os compadres haviam viajado, Hormiga fora à Argentina e Pablo, que tinha ido não sei para onde, chegava de volta, sozinho.

Depois dessa viagem, eu o achei diferente, ar melancólico, um ar distante. “– O que será que está se passando com o compadre? Serão saudades da Hormiguita?” – perguntei a Jorge, que também não sabia, mas que, como eu, de-ra-se conta de que algo de estranho havia se passado com nosso Pablo.

Contei alguns *cuentos* ao compadre, sobre coisas divertidas que se haviam passado no castelo durante sua ausência, mas ele nem achou graça, ouviu com o olhar perdido.

Sáiram os dois compadres a passear pelo jardim, Pablo o levava para confidências. Estava apaixonado. Conhecera a mulher de seus sonhos: “– *Ya no puedo vivir sin ella*” – dissera. Seu nome: Matilde Urrutia.

A situação no Brasil já permitia o nosso regresso e, em 1952, retornamos ao Brasil. Pablo também regressou ao Chile, sem o risco de ir para a cadeia.

Em 1953, fomos ao Chile, onde Neruda nos hospedou. Ao chegarmos em sua casa de Los Guindos, encontramos o muralista mexicano Diego Rivera, também hóspede do Poeta. Um gigante, enorme como seus murais maravilhosos. Passamos dias inesquecíveis na casa da Isla Negra, ouvindo à noite, em torno de uma lareira, histórias fantásticas, contadas pelo genial artista. Diego pintara um retrato de Matilde e, em meio aos seus cabelos loiros, esvoaçantes, o perfil de Pablo. Prometeu-me fazer meu retrato ao voltarmos a Santiago, onde tinha todo o seu material de pintura, mas antes de regressarmos ele recebeu um telegrama do México: Frida Kalo estava precisando de sua presença, de seus cuidados.

Voltamos ao Chile em 1954, para o cinquentenário de Neruda. Em Los Guindos, onde novamente nos hospedamos, eu tinha a impressão de chegar à minha casa, despojada de sofisticação, em meio a um enorme parque, por toda a parte objetos comprados em nossas viagens, alguns idênticos aos nossos, e uma preciosa exposição de sua coleção de caracóis. Delia lá estava comandando.

Vendo a alegria estampada no rosto do compadre, eu quis saber de Jorge, o confidente, se a *paixonite* de Pablo havia passado. Não havia passado, continuava mais forte do que nunca. Ele havia trazido Matilde para morar em Santiago, encontravam-se discretamente, não podiam morar juntos, pois nenhum dos dois queria magoar Delia.

Aquele mundo de amigos povoando a casa, homens e mulheres, jovens e velhas, despertou-me uma curiosidade: “– Me diga, compadre, quem foi a musa que inspirou os *Vinte Poemas de Amor e uma Canção Desesperada*? Foi a Hormiga?” – perguntei por perguntar, já sabendo que não fora. “– Esses poemas eu escrevi quando tinha vinte anos. Essa jovem, hoje já não é mais, é Albertina, casada com meu amigo de juventude Ángel Cruchaga de Santa María. Eles vão aparecer por aqui, você os verá.”

Realmente eles apareceram e eu conheci aquela senhora idosa que inspirara, num passado bastante remoto, os mais belos poemas de amor.

Em 1958 Jorge dirigia um jornal cultural no Rio, o *Para Todos*. Convidou Pablo Neruda para dar um recital que ajudaria o quinzenário, rico em conteúdo, pobre de dinheiro.

Fomos esperar o compadre no cais do porto, onde desembarcou sorridente: “– Vi agora a mais bela palavra da língua portuguesa: *Alfandéga*.”

O recital de poesia dado por Pablo, em benefício do *Para Todos*, foi um sucesso enorme. Sabendo que a fadista portuguesa Amália Rodrigues se encontrava no Rio, grande admirador dela, Pablo pediu que a convidássemos. Devota do poeta, Amália ouviu seus poemas, a princípio de joelhos, em seguida, de mãos postas.

Meses depois recebemos um telegrama sem assinatura, apenas uma palavra: *Camarones*. Ele vai chegar, dissemos satisfeitos. Tornaríamos a oferecer a Pablo os camarões gigantes que ele adorava.

Voltamos ainda várias vezes ao cais do porto. Lá também estavam sempre Vinicius de Moraes e Moacyr Werneck de Castro, amigos do coração do Poeta.

Um dia recebemos um telegrama de Delia Del Carril. De passagem para Paris, ela ficaria um dia no Rio, queria nos ver. O que Delia queria dizer não foi surpresa: separara-se de Pablo. Ele mandara seu velho jardineiro cuidar do jardim da casa de Matilde e o pobre-diabo dera com a língua nos dentes, contara à patroa tudo o que sabia: da segunda casa do patrão e da segunda mulher.

A dignidade de Delia Del Carril não lhe permitiu continuar a viver com o marido. Não adiantou ele pedir-lhe, implorar-lhe que ficasse, ela partiu. Vinha comunicar a separação, despedir-se de nós. De nossa amiga Delia tivemos notícias as mais surpreendentes: depois do grande choque, ela voltara-se para a arte, tornar-se uma gravadora de primeira grandeza, revelara sua verdadeira vocação.

Em 1963 nos mudamos para a Bahia. Pablo veio nos visitar, desta vez trazendo Matilde. Deixara a casa de Los Guindos para Delia, mudara-se para a casa de Matilde.

Pessoa encantadora, Matilde nos cativou e dela nos tornamos amigos. Juntos viajamos pelo mundo afora, voltamos ao Chile ainda algumas vezes. Nos tornamos amigos de seus amigos, de Volódia Ditelboin, um grande homem; de Ruben Azocar, escritor de romances policiais; de Naranjo, que vinha de Val Paraíso para ver o amigo. Margot Loyola, exuberante, cantava e dançava.

Com Matilde fomos à China ainda uma vez, viajando num velho navio, pelo rio Amarelo. Nessa viagem de navio comemoramos o aniversário de Pablo fazendo-lhe uma surpresa: preparamos, Matilde e eu – depois de subornar o cozinheiro – um frango assado, inteiro, da forma que o aniversariante gostava.

Pablo e Matilde vieram várias vezes à Bahia, mas a última vez foi melancólica, tivemos a impressão de que ele vinha para se despedir.

Imagino o que diria o meu compadre Pablo se pudesse imaginar que a sua *comadrita* iria um dia contar *cuentos*, no seu centenário...

Martius e seu único romance

ERWIN THEODOR

Descendente de Galeotto Martio, humanista italiano que emigrou no século XV para a Hungria e de lá para a Alemanha, pertenceu Carl Friedrich Philipp von Martius a uma família tradicionalmente dedicada ao estudo das ciências naturais. Seu tio foi autor de uma *História da Flora de Moscou* e seu pai, farmacêutico e professor honorário da Universidade, escreveu vários trabalhos relacionados a plantas medicinais e seu valor terapêutico, além de um volume de memórias. Nasceu a 17 de abril de 1794 em Erlangen, na Francônia (hoje parte da Baviera), e faleceu em Munique em 13 de dezembro de 1868. Aos dezesseis anos, após cursar o ginásio humanístico, ingressou na universidade de sua cidade natal, e ali obteve o título de doutor em 1814. Já em 1812 fora apresentado a dois acadêmicos (um dos quais era J.B. Spix) que o convenceram a tornar-se “Elève” (Discípulo) da Academia das Ciências da Baviera, para ingressar a seguir no “Instituto dos Discípulos da Academia”, de Munique, de excelente reputação. Em maio de 1814, dois

Professor, ensaísta e tradutor. Doutor em Letras pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, bolsista da Fundação Alexander von Humboldt e professor na Universidade de Tübingen, professor titular da USP (1964). Membro da Academia Paulista de Letras, da Academia Paulista de História e Academia Paulista de Jornalismo. Obras: *Estudos de Sintaxe Inglesa, Viagem pela América do Norte, A Língua Alemã – desenvolvimento histórico e situação atual, Temas Alemães, Introdução à Literatura Alemã, Das fragmentarische Universum* (trad. port. *O Universo Fragmentário*), *A Literatura Alemã, Tradução: Ofício e Arte, Perfis e Sombras*.

meses decorridos de seu doutoramento em Erlangen, presta os necessários exames e, em 1816, inicia carreira no serviço público bávaro como “adjunto”. No ano seguinte participa da grande expedição científica, que acompanharia a Princesa e futura Imperatriz D. Leopoldina da Áustria (1797-1826) ao Brasil. Logo depois da publicação dos primeiros volumes da *Voyage aux régions équinoxiales*, de Alexander von Humboldt (1814), que empolgaram o mundo das ciências e da cultura da época, o rei da Baviera, Maximiliano José I, havia recomendado à Academia a organização de uma missão científica à América do Sul, valendo-se para concretizá-la da oportunidade surgida durante o Congresso de Viena, ao ser acertado o casamento da princesa austríaca com o príncipe herdeiro do trono português, Dom Pedro de Alcântara. Em dezembro de 1816, Martius e Spix (botânico e zoólogo, respectivamente) receberam instruções para se incorporarem à comitiva austríaca, e em 10 de abril de 1817 embarcaram em Trieste. Ficariam no Brasil até 1820, viajando e pesquisando a partir do Rio de Janeiro a São Paulo, seguindo para Minas Gerais e Bahia, e de lá pelo Nordeste, até o Pará e Amazonas (o ‘Grão-Pará’ da época), sob condições hoje inimagináveis, realizando estudos, depois publicados, de permanente validade.

Johann Baptist Spix faleceu cedo, poucos anos depois do retorno à Alemanha, em 1826, mas Martius passou os restantes quarenta e oito anos de sua vida vinculado às experiências e pesquisas aqui realizadas, bem como às recordações do Brasil, país que apelidou de “segunda pátria”, acrescentando que sempre se sentiu “como afilhado do Brasil”. Atestam sua dedicação e apego as célebres obras botânicas *Historia Naturalis Palmarum – nova genere et species plantarum, quas in itinere per Brasiliam annis 1817-1820 suspecto collegit et descripsit*, que lhe valeu o apelido de “doutor das palmeiras” (*doctor palmarum*) como a excepcional *Flora Brasiliensis*, por ele projetada e iniciada. Ela abrange 20.733 páginas bem como 3.811 tábuas, apresentando a descrição de 22.767 espécies de plantas, e sua validade científica é permanente, conforme lembrava Stafleu no centenário de morte do naturalista, ao destacá-la entre as congêneres, chamando-a de “the greatest classic of all floras”, após dizer que “no other work of similar scope

has ever been completed in the history of plant taxonomy”.¹ Destaque entre as obras diretamente ligadas ao Brasil merece igualmente a festejada *Viagem pelo Brasil*, de autoria conjunta dos dois naturalistas, Spix e Martius, em três volumes, publicada em Munique entre 1823 e 1831, e traduzida integralmente no Brasil pela primeira vez por Lúcia Furquim Lahmeyer, com revisão de Ramiz Galvão e anotações de Basílio de Magalhães, em 1938, várias vezes reeditada.



Outras e numerosas obras de Martius ocupam-se do Brasil e de problemas brasileiros, tais como *O Estado de Direito entre os Autóctones do Brasil* (1832); *O Passado e o Futuro dos Seres Americanos* (1839); *Natureza, Doenças, Medicina e Remédios dos Índios Brasileiros* (1844), *Os Nomes de Plantas na Língua Tupi* (1858); além de um vocabulário extenso, tratando de palavras da língua geral, traduzidas ou explicadas em português, alemão e muitas vezes em latim, intitulado *Glossaria Linguarum Brasiliensium* (1863), antecedido por uma introdução, igualmente em alemão e português, na qual o autor descreve resumidamente seu contato com o Brasil e os selvagens. Outro trabalho a retratar sua contínua atenção e dedicação a assuntos brasileiros é o ensaio com o qual venceu concurso instituído pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro do Rio de Janeiro, *Observações a respeito da Composição de uma História do Brasil*, traduzido por Guilherme Schüch e premiado com medalha de ouro, no valor de 200\$000 (duzentos mil réis). Esse trabalho foi publicado sob o nome designativo do concurso: “Como se deve escrever a História do Brasil”, na *Revista Trimensal de Historia e Geographia*,² e continua provocando agudo interesse ainda nos nossos dias. Por outro lado, parece digno de nota que o texto – cujo original se julgava perdido – vinha sendo divulgado exclusivamente em português, até que na edição do número 50 do *Jahrbuch* (“Anuário”) 2003, do Instituto Martius-Staden de São Paulo,

¹ Apud H. Merxmüller, *C.F.Pb. von Martius*, 1971, p. 21.

² Número 24, janeiro de 1845, pp. 389-411.

fosse publicado o original, encontrado em manuscrito entre o legado, pelo autor destas linhas que o transcreveu, mantendo a grafia e a pontuação de origem. A conquista do prêmio por Martius consubstanciou-se após parecer apresentado ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro por Francisco Freire Alemão, designado pelos seus pares, no qual a certa altura afirma: “Se alguma coisa se pudesse dizer contra ele (o estudo apresentado) é que uma história escrita segundo o que aí se prescreve, talvez seja inexequível na atualidade; o que vem a dizer que ele é bom demais. Porém não se trata aqui de uma questão de tempo; aí está o modelo, para quando a coisa for realizável.”



Conceituado jornal alemão, o *Frankfurter Allgemeine Zeitung*, dedicou à matéria meia página ainda em dezembro de 2004, publicando resenha crítica sob o título “Trópicos esperançosos”, que festeja o trabalho de Martius até mesmo como “texto inaugural das ciências sociais brasileiras”. De lamentar apenas que não penetre um pouco mais no assunto, particularmente ao ignorar a atenção que o estudo de Martius, “descobridor da história brasileira”, conforme afirma o subtítulo, despertou entre grande número de historiadores e filósofos brasileiros do século XIX, ainda que provocando (caso de Sílvio Romero) reações negativas. No mesmo jornal vem estampada outra colaboração dedicada a Martius e ao seu companheiro Spix, intitulada “O paraíso promissor do mundo”, discutindo o destaque alcançado pelos dois cientistas alemães na missão austríaca, que acompanhou a Princesa Leopoldina. “Infelizmente”, assim opinou Gabriele Mauthe em 1994, citada no artigo, “os austríacos não receberam a mesma promoção generosa dos seus trabalhos científicos, assegurada aos seus colegas alemães Spix e Martius, após o retorno do Brasil. A bela *Viagem* contribuiu para que se esquecesse no decorrer do tempo de que se tratava apenas de acompanhantes e não dos organizadores da expedição de pesquisas austríacas.” Esta observação, bem como a recriminação pelo fato de os alemães se terem “rapidamente” desligado dos colegas austríacos, reclama cuidadosa aná-

lise à luz dos documentos existentes, que aqui não seria oportuna. A impressão de insuficiência é contudo reparada, quando a mesma colaboração constata: “Colecionam, anotam e desenham diligentemente tudo o que encontram (no Brasil), enviam plantas e animais para a Europa, remessas muito mais bem-sucedidas do que quinze anos atrás as de Alexander von Humboldt. Tudo chega devidamente ao destino e orna ainda hoje as coleções do Museu Estadual de Etnologia. Não apenas tornaram conhecidas milhares de espécies até então ignoradas, muitas das quais hoje extintas, mas, especialmente no último trecho de sua viagem, que os leva rio Amazonas acima, entram em contato direto com grupos indígenas, cujo comportamento quase não havia sido influenciado pelos conquistadores (*sic!*) europeus. E levam alguns índios – eis o capítulo mais amargo dessa viagem científica – ao seu navio, apenas dois dos quais chegam vivos a Munique, onde logo depois vão morrer.” Exatamente o mencionado “último trecho da viagem” vem a ser tema do *Frey Apollonio!* Seja ainda citado Gilberto Freyre, que anotou em *Nós e a Europa Germânica*: “Sabe-se de von Martius que, tendo estado em terras brasileiras nos primeiros anos do século, conservou até o fim da vida um interesse, além de botânico e zoológico, sociológico, pelo Brasil – pelas gentes e não apenas pelas palmeiras – transmitindo a vários dos seus compatriotas esse seu interesse goethianamente científico e, por conseguinte, humanístico e até poético.”³



Frey Apollonio, um Romance do Brasil foi igualmente encontrado em 1990, entre os papéis inéditos, conservados na Secção de Manuscritos da Biblioteca de Estado da Baviera e oferecido aos leitores brasileiros pela primeira vez em 1992. O autor resolve ficcionalizar nesse livro acontecimentos e experiências hauridas durante suas excursões pelo rio Amazonas e cercanias. Seu legado científico e literário, do qual é parte integrante, permanecera fechado durante

³ *Nós e a Europa Germânica*, p. 34.

um século, em mãos dos herdeiros. Em 1967, porém, quando se preparavam as comemorações do centenário de falecimento de von Martius, a quem no Brasil cabe o papel reservado a Alexander von Humboldt em outras partes da América Latina, os familiares do homenageado decidiram tornar acessível o acervo existente, depositando-o na Biblioteca Estadual da Baviera. Tiveram de decorrer ainda vinte e três anos até que o organizador deste livro encontrasse, entre os milhares de páginas inéditas do legado, o manuscrito em questão, elaborado em grafia gótica ao longo de 314 páginas, formando o talvez primeiro romance a ter por cenário o Brasil, tal como vivido por seu autor. Foi escrito em 1831, conforme consta da página de rosto, na grafia de von Martius, que não se empenhou em publicá-lo, mas pelo contrário lhe adicionou um prefácio, dirigido “aos amigos que lerem o *manuscrito*” (grifo nosso). A respeito afirmou José Paulo Paes:

“Ainda que a ação se situe a três séculos de distância do ciclo histórico das descobertas, esse curioso romance do botânico alemão Carl Friedrich Philipp von Martius está mediatamente ligado a elas pela natureza das idéias que, no curso de uma acidentada viagem pelo Amazonas acima, seus protagonistas vão trocando a propósito dos selvícolas e da colonização do Novo Mundo. [...] Pelo comprazimento em transes de perigo e em situações de mistério só deslindadas no capítulo final; pela ênfase no pitoresco da paisagem amazônica e no exotismo da vida indígena comparativamente à familiaridade da vida civilizada a partir da qual se arma a ótica narrativa (os acontecimentos são vistos pelos olhos de três personagens europeus), *Frey Apollonio* se filia de pronto ao romance geográfico de aventuras, cujo fastígio ao longo do século XIX refletiria, em simetria, o fastígio do colonialismo europeu nas Américas, na Oceania, na África e na Ásia. Mas não será errado lê-lo também como *Bildungsroman* (romance de formação), modalidade de ficção em prosa, tipicamente alemã, que teve o seu paradigma no *Wilhelm Meister*, de Goethe.”⁴

⁴ *Nossa América*, 1992, n.º 2, p. 58.

Interessante é notar que von Martius não queria ser conhecido como romancista, prova-o a dedicatória acima mencionada, enquanto a busca de pseudônimo para o papel de narrador corresponde a uma moda literária de época. Inicialmente optou pelo anagrama *Suitram*, com o qual firma o prefácio dirigido “aos amigos que lerem esta estória no manuscrito”, depois eliminado, mas acaba modificando o pseudônimo anagramático em favor de *Hartoman*, alcunha que, segundo um dos seus *Diários*, riquíssima fonte de informações acerca de suas experiências e idéias, lhe foi atribuída pela sua hospedeira em Munique.



O naturalista von Martius, que viera ao Brasil para estudar a flora brasileira, a respeito da qual viria a escrever tratados que modificariam concepções tradicionais, projetando-a sob nova luz, dedica-se igualmente à literatura dos viajantes, à diarística, assim como escreve um romance, organiza glossários e consagra-se à metodologia dos estudos históricos, sendo por isso classificado com toda razão como verdadeiro precursor dos “brasilianistas” de nossos dias, título conferido a partir de meados do século XX aos estudiosos estrangeiros de problemas brasileiros. Aos 58 anos de idade, mais de trinta anos decorridos de seu retorno da América do Sul, afirma *em português*, nos seus *Diários* (ainda inéditos e geralmente escritos em alemão): “Costumo considerar-me pela minha tarefa literária como meio-brasileiro”, tendo em passagem constante do tomo referente a 1837-1838 justificado os “desvios” de suas atividades científicas: “Se é próprio de cada indivíduo estacar de tempos em tempos no curso de sua existência, para contemplar com olhar atento o caminho que acaba de perfazer, tenho eu, que me considero um ‘homem da pena’, de desviar-me de vez em quando dos meus estudos por demais especializados, até mesmo em decorrência de uma obrigação perante aqueles que um dia hão de herdar estes *Diários*.” Assim explica também a origem do *Frey Apollonio* que, apesar de composto de acordo com as limitações e o gosto de seu tempo como “romance de forma-

ção”, de fundo romântico, oferece ao mesmo tempo passagens sumamente instigantes aos leitores dos nossos dias, revelando plena consciência de problemas ecológicos e da necessidade de preservação da flora e da fauna. Manifesta, na primeira parte do século XIX, intensa preocupação pelos estragos que a civilização humana causa à natureza, tema indubitavelmente de candente atualidade, embora o estilo da obra seja marcado pelo gosto de seu tempo, realidade à qual deve estar atento o leitor para a fruição do romance. Surge de fato um “romance de idéias”, favorável à tese da miscigenação como via de integração numa futura sociedade mais justa.

Os personagens expõem ideologias bem definidas, representam e debatem conceitos filosóficos correntes na época, mas assim agindo não tornam monótona a leitura, eis que seu criador dispõe de habilidade narrativa suficiente para garantir às suas figuras viço e vigor. Verifica-se isto no exemplo do personagem-título, apresentando recordações, verdadeiros *flashbacks* a comporem essa cintilante figura humana. Evidentemente surgem marcas específicas do romantismo corrente: o peso da culpa de ações cometidas na juventude, as descrições de naufrágios espantosos, os desígnios inescapáveis do destino, as paixões a superarem morte ou desgraça, os arrependimentos do aristocrata exemplar, a quem é dado subjugar os azares da vida ao ser ordenado sacerdote, devotado a trabalho missionário para a salvação de corpo e alma de tribos indígenas no Alto Amazonas. As descrições das viagens de Apolônio transportam o leitor por largas partes da Europa e, outro motivo do romantismo, evocam o Oriente e o Islã, o que, entretanto, não constitui mais do que a moldura da narrativa, já que de fato essas referências ilustram bem a existência anterior do frade o qual, sendo personagem-título, não é, porém, a figura central. Tal função cabe ao jovem cientista alemão, Hartoman, à procura constante de conhecimentos novos. Isto foi bem observado por José Paulo Paes:

“A história da vida do seu herói epônimo vai servir apenas de moldura folhetinesca para o verdadeiro quadro do romance, onde o que avulta em primeiro plano é a gente e a selva da Amazônia, cuja exuberância é pintada

com tintas retóricas, que fazem de Hartoman-Martius mais que naturalista, um poeta *doublé* de filósofo.”⁵

Assim, o romance visa antes de tudo retratar a selva amazônica, seus habitantes, às vezes chamados de “índios” e outras de “americanos”, e condenar ações por vezes deletérias de representantes da Europa. Já de início Hartoman, que narra alternando entre a primeira e a terceira pessoa, recurso estilístico ao mesmo tempo romântico e atual, declara aos seus leitores: “Finalmente prendeu-me aquele país, através do qual o rei dos rios, o poderoso Amazonas, leva sinuosamente as suas vagas amareladas ao oceano. Silente e misterioso estendia-se diante de mim aquele deserto verde, aquele mar de folhas de velhíssimas florestas, a cobrirem o continente até longínquas extensões nunca dantes penetradas”, sendo esclarecido o propósito do narrador: “Quero libertar-me aqui de qualquer olhar de temor perante o futuro. Não permitirei que me domine outro anseio, que não o de empregar bem cada dia de que disponho. Assim se justifica o meu anelo pelas longínquas regiões desconhecidas, é o chamado do *avante, plus ultra!*”. Além do mais, o romance faz sentir poderosa influência de Jean-Jacques Rousseau e suas idéias acerca do “homem natural”, sendo que a atração exercida pela natureza virgem, propagada pelo autor do *Contrato Social*, influencia visivelmente o romancista. Entretanto, sua empatia com o ambiente amazônico não é só fruto de leituras ou influências externas, faz parte de sua mais profunda convicção, levando-o a anotar no seu *Diário* ainda dezessete anos depois de voltar da expedição ao Brasil: “Passei mais da metade de minha vida cercado de plantas, muitas vezes como meus únicos amigos e companheiros. Nas trevas profundas da mata brasileira, quando me via sozinho entre os velhíssimos gigantes da selva verde, cujas árvores, inatingivelmente imensas, são sempre agitadas pelo uivar dos ventos, parecia-me ouvir pressagiosos avisos da Divindade” (16 de maio de 1837).

O romance espelha o desenvolvimento gradual da imagem que Hartoman forma dos índios. Ao chegar ao Brasil, sua visão do “homem natural” é plas-

⁵ Op. cit., p. 60.

mada de acordo com o credo rousseauiano, mas sob a influência do que vê e ouve, além do que lhe é explicado por Frey Apollonio, bem como por outra das figuras principais da narrativa, Riccardo Zani, seu companheiro italiano de viagem, decide tornar-se um “observador imparcial e independente” da vida dos indígenas. E, chegando ao capítulo final, constata “com suave satisfação” que “agora se encontrava em condições de lançar olhares mais maduros para este imenso quadro da natureza”. A seguir, afirma seu “amor por todos os indivíduos, qualquer que seja a cor de sua pele”, modificando totalmente sua percepção inicial, já que “se reveste de outro significado aquela imagem fantástica do índio americano, produto de minha imaginação excitada, que me assustou quando penetrei pela primeira vez neste mundo milagroso. Na ocasião, de alguma forma impus-me a tarefa a realizar; e hoje resolvo os problemas na profunda convicção de que a parte da raça índia, que considerava decadente e perdida, e cujo primitivismo rejeitava, era carne da minha carne e espírito do meu espírito”.



Misturam-se em *Frey Apollonio* realidade e ficção em feliz dosagem, conforme a própria “Advertência Preliminar”, assinada por *Suitram* e depois eliminada, estabelece: “O presente romance fundamenta-se em ocorrências reais. Seus personagens viveram; conheci-os e tomei parte ativa em sua existência ou então lhes ouvi narrar as experiências. O que adicionei não ultrapassa reflexões sobre eventos e situações peculiares [...]”

Tal como acontece com o personagem Hartoman, o próprio Martius, chegando ao Brasil com a idade de vinte e três anos, “soube muito habilmente adaptar-se às particularidades da vida e aos costumes do país. Possuía uma feliz aptidão para o trato com a gente da terra, cuja língua em breve aprendera e sabia usar na conversa e na escrita”.⁶ Facilidade revelou igualmente no trans-

⁶ SOMMER, Frederico. *A Vida do Botânico Martius*, São Paulo: Ed. Melhoramentos, 1953, p. 91.

porte da realidade ao terreno da ficção. Quanto aos personagens, são três os principais: Hartoman, o naturalista alemão, *alter ego* do próprio escritor, Frey Apollonio, o missionário, e Riccardo, o comerciante. Este, que se revela loquaz e sonhador, é projeção romanceada do capitão de milícias Francisco Ricardo Zani, natural de Livorno, há quatorze anos domiciliado na região do rio Negro. “Este homem competente seria mais tarde o dedicado companheiro dos alemães na maior parte das suas viagens pelo interior, durante sete meses, e ficaria unido a eles por imperecível amizade.” Frederico Sommer afirma-o na sua biografia de Martius, sem referir-se, evidentemente, ao romance, do qual não tinha conhecimento. Mas de pronto revela-se na sua descrição o personagem da obra ficcional, assim também quando diz: “Felizmente seria o capitão Zani, que já fizera sete viagens no Amazonas, um seguro guia dos alemães” e o próprio Martius oferece na *Viagem pelo Brasil* indicação clara de sua simpatia, dizendo, por exemplo: “Não foi esta a última vez que me felicitei por ter a companhia do sr. Zani; no curso de toda a viagem, mostrou-se amigo experiente e corajoso”; ou: “A amenidade dos dias passados em Barra do Rio Negro foi realçada pelas virtudes sociais do nosso companheiro de viagem, o sr. Zani...”. Haveria a enumerar muitos outros exemplos, comparecendo esse amigo e companheiro de viagem sempre pelo nome de família. Teria o autor reservado o primeiro nome para o romance, já esboçado quando da publicação do último dos três volumes da *Viagem*? De qualquer maneira, aparece nessa obra nota de rodapé, contendo informação adicional sobre o personagem do nosso romance:

“Prevaleço-me da oportunidade de poder manifestar publicamente a esse meritíssimo amigo os meus sentimentos de alta consideração e reconhecimento. Quando, pouco depois do nosso regresso à pátria e da partida do Governador-geral, Conde de Vila Flor, para o Rio, tempestades políticas abalaram as províncias do Pará e Rio Negro, Zani estabeleceu, em diversos pontos do Amazonas, posições fortificadas, e, por sua coragem e perseverança, contribuiu grandemente para a pacificação daquelas regiões, valor

que lhe mereceu uma Comenda da Ordem de Cristo e a confiança do Imperador D. Pedro, que o encarregou, agora como coronel, da formação dos regimentos de milícias.”⁷

O personagem-título não é apenas figura de romance. Nos relatos da *Viagem*, a cargo dos dois cientistas (J.B. Spix só viu a publicação do primeiro volume, pois morreu em 1826), surge a figura que daria origem literária ao sacerdote martiusiano: “Encontramos amável acolhimento por parte de algumas pessoas distintas da vila (refere-se a Santarém), entre as quais um eclesiástico, outrora missionário nas Índias Orientais. As suas narrativas sobre o estado natural dos hindus, na terra de tão antigo culto e de uma história quase petrificada, proporcionaram interessantes comparações com a condição dos índios, entre os quais nos encontrávamos.” Mas o personagem não conheceu apenas a Índia. Viveu também na Itália e no Oriente, entre árabes e judeus. Relata a sua vida, impregnando-a de elementos românticos, indispensáveis ao romance da época. O nome do frade não é mencionado, mas a seguir Sommer cita um sacerdote piedoso e sábio, devotado às missões: “O piedoso Frei Apolônio, capuchinho italiano do convento da Bahia, tinha-se esforçado pelo desenvolvimento do lugar”, e essa reminiscência deve ter inspirado a Martius o nome do seu herói. Segue aqui outra ilustração da maneira como von Martius se valia de dados concretos na composição do romance. Em certo momento, Apolônio inquire Hartoman a respeito de filósofo alemão, com quem em tempos passados se correspondera: “Conhece Frederico Henrique Jacobi?”, pergunta. E Hartoman lhe dá a seguinte resposta: “E como poderia deixar de conhecê-lo? Vivo na mesma cidade e na minha carteira levo folhas com pensamentos que ele me deu quando me preparava para partir nesta viagem.” “Morreu”, disse Apolônio a meia-voz, como se assim pretendesse minorar a amargura da notícia: “o jornal de Lisboa, trazido pelos sacerdotes a Santarém, comunica o seu falecimento.” De fato, Jacobi (1743-1819), filósofo e escritor de notoriedade

⁷ Spix/Martius, *Viagem pelo Brasil*, vol. III, p. 252, nota 34.

no seu tempo, fora professor de Martius, e depois de ler esta passagem pela primeira vez no livro, julgávamos que o autor tivesse criado esse diálogo para recordar Jacobi, cujo falecimento ocorrera durante sua permanência no Brasil. Mas assim não foi; pelo menos não exclusivamente; ocorreu um fato real a levá-lo à menção de Jacobi, o que a biografia de Sommer revela, ao afirmar: “De um jornal que encontraram (Spix e Martius) na casa do Frei José Alves de Chagas souberam, nesse recanto retirado [encontravam-se nas colônias dos índios maué, no Iraia, sob a administração do empreendedor e jovial capitão José Rodrigues Preto, perfeito conhecedor do idioma tupi], da morte do ex-presidente da Academia das Ciências de Munique, o venerável Friedrich Heinrich Jacobi.”⁸ Eis uma ilustração de como Martius introduzia dados reais na sua obra de ficção.



Hermann Merxmüller, sexto sucessor nas funções desempenhadas por von Martius na Universidade de Munique, professor de Botânica e diretor do Jardim Botânico, pronunciou em 1968, na Academia Bávara de Ciências, o discurso oficial comemorativo do centenário de morte. Ali devotou-se à tarefa de esboçar um quadro que fizesse jus ao seu ilustre antecessor, referindo-se detidamente à *Flora Brasiliensis* e concluindo a sua exposição com a afirmativa de que hoje vemos Martius “como um gigantesco pilar sobre o qual se ergue a ponte que vem ter à sistemática moderna”. Preocupa-se, portanto, em demonstrar que os trabalhos botânicos do homenageado eram, além de fundamentais e abrangentes, também precursores. Isto não se aplica à sua obra literária, pelo menos não à estrutura da mesma. Tanto a literatura de viagem, quanto os numerosos poemas e as quatro ou cinco novelas inéditas seguem a tradição reinante. O mesmo acontece com o romance, que transmite uma visão equilibrada do contato com a cultura dos autóctones da selva brasileira, retificando,

⁸ SOMMER, Frederico. Op. cit., p. 102.

principalmente pela palavra de Riccardo, observador cético e arguto, importados “preconceitos e sentimentos europeus”, pela imagem da felicidade, resultante da “simplicidade das necessidades”, da “uniformidade dos costumes” e da “igualdade de formação espiritual”. “Em muitos desses índios rudes, não iluminados por nenhum fulgor do Evangelho, bate um coração mais meigo, mais receptivo às verdadeiras sensações de alegrias humanas do que em muitos europeus...” Reflexões sobre o mesmo assunto são trocadas igualmente entre o padre católico, sábio e altruísta, mas preso às convicções e convenções de sua Ordem, e o jovem cientista protestante, o qual, inicialmente certo de que os índios se encontravam em fase de plena decadência, após período de esplendor e bem-estar geral, vem a admitir depois o seu “estado atual” como aceitável e mesmo benéfico, para finalmente declarar-se satisfeito com o idílio utópico da ilha do Chapéu Virado, onde uma sociedade em que prevalece a mestiçagem constrói uma vida paradisíaca “sem necessidades, sem paixões, sem farturas e sem carências”.



A variação das perspectivas no ato narrativo é uma característica do romance. Não existe identidade entre narrador e autor; as ocorrências a constituírem a obra estão de acordo com a visão do primeiro. No romance, narrado na primeira pessoa, o narrador ou é o próprio herói ou pelo menos personagem da ação, e sua perspectiva é limitada pelas suas experiências, observações e reflexões. No romance narrado na terceira pessoa, a individualidade do narrador, que não se identifica necessariamente com o autor, reflete-se na maneira pela qual traduz seu conhecimento, sua participação nos acontecimentos, na forma de expressar seu relacionamento íntimo com a matéria apresentada, pendendo entre onisciência e laboriosa procura de relações e conexões, entre distanciamento objetivo e frio e profunda participação íntima. O narrador pode relembrar fatos ocorridos, revelar evoluções futuras, desenvolver personalidade própria e tomar posição frente a acontecimentos relatados. A importância de sua

presença, de seu papel na obra é determinada pelo valor que o autor lhe atribui. No *Frey Apollonio* percebe-se imediatamente a existência de uma mistura consciente de narrativa em primeira e terceira pessoas, estabelecendo atmosfera simultânea de distância narrativa e envolvimento do narrador. No manuscrito original, o subtítulo afirma na íntegra: “Um romance do Brasil, vivido e narrado por Hartoman”, e enquanto surge, na primeira oração do livro: “*cheguei à América*” e “*vaguei pelo continente*”, ocorre já no capítulo seguinte uma mudança da posição narrativa. Inicialmente ainda temos *empenhei-me*, “*que me levasse*”, etc., para logo a seguir aparecer: “Que terra milagrosa, *exclamou Hartoman* maravilhado, [...]” “Basta olhar em redor, *prosseguiu Hartoman* enlevado [...]”, assim aparecendo uma sucessão de alternâncias que impressiona como recurso moderno, embora não fosse infreqüente durante o Romantismo, destinada a chamar a atenção do leitor. Além do nome Hartoman, indicando personagem principal e narrador fictício a falar ora na primeira e ora na terceira pessoa do singular, aparecem outras designações da mesma figura: “jovem”, “nosso amigo”, “Don Calo” (imitação da pronúncia dos indígenas do nome real de batismo de Martius) e até mesmo “Dom Carlos”, tradução corrente de Carl. Por outro lado, recorre ao uso do diálogo, introduzido repetitivamente com expletivos do tipo “disse”, “retrucou”, “respondeu”, “observou”, “perguntou” e outros do gênero que, para a nossa sensibilidade, pecam pela monotonia. Na época, entretanto, tratava-se de informações que conferiam verossimilhança às seqüências dialogadas, estabelecendo contrapontos numa exposição destinada ao exame de várias facetas de um mesmo argumento.

São igualmente empregados outros recursos da narrativa romântica, conforme demonstra a notícia da morte da bela índia, Esperada, inicialmente hipotética e depois comprovada. No capítulo “Sonhos, uma vida”, um dos primeiros do romance, a ação evolui de acordo com a seqüência seguinte: I – “Quando Hartoman escrevia os seus *Diários* [...] os olhos escuros e exaltados da índia concentravam-se às vezes por horas *nele*”. Observava, como se quisesse fixá-las, todas as *suas atitudes*. 2 – “...a encantadora menina, sentada diante do jovem *narrador* (revelava) as primeiras emoções de uma alma à procura do

amor”. 3 – *Devoto* uma lágrima enternecida à *tua* lembrança! Qual terá sido a *tua* sorte, no círculo daqueles familiares rudes? 4 – *Hartoman* pode recordar-se de *ti* sem enrubescer. A perspectiva é do narrador distante, ausente daquele ambiente, a recordar a menina, sem saber porém do seu destino. Entretanto, mais tarde, no capítulo “A despedida”, o leitor se admira quando é confrontado com a informação de que Esperada morreu, levada pela varíola, que assolou a comunidade em Guri. Um sacerdote, chamado Frei Celestino, comunica a Apolônio o fato da seguinte maneira: “Foram poucas as cabanas que ficaram resguardadas da visita da morte!” E Apolônio indaga: “Estais com cuidado de poupar-me, meu caro irmão [...] Qual a situação na minha própria casa; como vai Esperada, como estão sua mãe e os irmãos?” E em voz baixa recebe a resposta: “Também Esperada foi levada pelo inexorável anjo exterminador.” Outra menção de sua morte ocorre ainda no capítulo “Os Ex-Jesuítas”. Hartoman conversa com um índio, Pachicu, catecúmeno de Apolônio, “irmão da mãe de Esperada, e quando fala da antiga paz de alma da irmã e da dor sentida junto ao túmulo da bela filha, turva-se o olhar de Hartoman [...]”. Qual o motivo dessas duas versões, aparentemente contraditórias? O narrador, refletindo no primeiro dos exemplos sobre as experiências vividas na Amazônia, não sabe qual teria sido o destino de Esperada e chega a imaginar que ela, apesar de especialmente sensível, mais bem formada do que os demais índios, graças aos ensinamentos do Frei Apolônio, teria sido obrigada pelas circunstâncias a retornar ao meio de origem, e em consequência disso a presente infeliz e maltratada. Entretanto, conforme se verifica mais tarde, Hartoman não ignorava que Esperada nunca voltou ao seu ambiente primitivo, morrendo em Guri, durante a epidemia de varíola, enquanto ainda se encontrava na casa do sacerdote. Essa contradição aparente pode, assim, servir de indicação de como o autor distingue conscientemente entre narrador e personagem do romance, aplicando na prática uma das teorias do Romantismo. Tal distinção torna-se evidente quando diz, no capítulo “Atividade ampliada”: “Tu, meu caro leitor, hás de acreditar no narrador desta estória, quando disser que para *Hartoman* foi muito penoso guardar o seu segredo.”



Freqüentemente aparecem no romance referências à cultura, aos costumes e às condições existenciais dos índios. Assim o *ipadu*, um arbusto de folhas oblongas, pequenas, com as propriedades da coca, é repetidamente mencionado, porque despertou o interesse do cientista por suas propriedades medicinais. Trata-se, assim diz no capítulo intitulado “A Caça”, de “um pó verde das folhas de coca [...] Esse pó, utilizado para elevar os espíritos vitais, que pode ser encarado como o ópio desses povos, consome-no os filhos da solidão no Amazonas superior, bem como os peruanos, dos quais talvez o tenham recebido”. Na mesma linha de interesses menciona a cozinha dos índios e fala repetidamente dos *beijus*, bolos de massa de tapioca ou mandioca, dos quais há numerosas espécies, e que “Esperada costumava servir com mel, uma iguaria”. Menciona igualmente as bejueiras, índias que preparam essa comida, e observa o valor nutritivo do *caruru*, designação de plantas alimentares, de folhas verdes, muito saborosas. Detém-se na descrição do preparo dos *beijus*:

“A mais ativa das donas-de-casa ali reunidas incumbiu-se da tarefa mais difícil e mais importante, transformar a farinha, que se encontrava em processo de secagem, naquelas fatias semelhantes às torradas (*beiju*), que tomam o lugar do pão da nossa civilização. Provou ser incansável em atiçar o fogo, virar a farinha e preparar a iguaria, trabalhando com um arco de madeira leve de marupá e reunindo a quantidade indicada de cânhamo solto com farinha, após o que coloca a massa sobre a chapa de barro do fogão, virando-a constantemente, até transformá-la nos pãezinhos brancos, depositados depois com mão leve nos cestos que se encontram a seu lado.”

Aliás, em várias partes do livro transparece, como aqui, o interesse etnológico de Martius, ao romance adicionando curiosidades folclóricas e mitográficas.



Não devem ser esquecidas as magníficas descrições da natureza amazônica, ou das turbulências, às quais esta é freqüentemente submetida. A condição de botânico de nosso autor, à qual aliava arguto dom de observação e invejável capacidade expressiva, torna a projeção de seus quadros descritivos experiência valiosa de leitura. Vejamos alguns exemplos, o primeiro do capítulo “A caça”:

“De repente irrompeu uma tremenda tempestade, que descarregou o seu vigor em chuva intensa e trovões intermináveis. As cabanas tremiam sob os violentos impulsos do vento, a selva gemia e bramia, a chuva enfurecida estalejava através dos leves telhados de folhas de palmeiras, entre redes e fogão. O céu dava impressão lúgubre, como que guarnecido por coberta impenetrável de nuvens negras, e os relâmpagos vermelhos, que sem parar agitavam o firmamento, iluminavam apenas para tornar ainda mais medonha a pesada escuridão. A atmosfera tremia com os estalos dos trovões que, procedendo de todos os quadrantes, se descarregavam sobre nossas cabeças.”

Ou, do capítulo “Esforços de conversão”:

“Pteridófitos, juncos aromatizados e canaviais cobriam a margem de um tapete verde, enquanto as gigantescas árvores, entrelaçando seus braços enormes, não raro impediam a passagem dos barcos mais altos. A selva, apenas raramente penetrada pelos raios solares, soltava continuamente uma chuva fina sobre nossas cabeças. Reinava silêncio profundo, por vezes interrompido pelo ronco de uma capivara ou o bater das patas dos tapires que, apressados, retornavam aos lamaçais da terra baixa. Viam-se figuras estra-

nhas de árvores aleijadas, pensas sobre as águas quais fantasmas, grupos tristes de samambaias, e respirava-se o aroma inebriante das espádices abertas nas palmeiras, o cheiro penetrante das enormes flores de aráceas ou dos portentosos sinos das mal-cheirosas aristolóquias, continuamente rodeadas de enxames de moscas inúmeras.”

E, finalmente, do capítulo “Pachacutec”:

“Silenciosa é a linguagem das plantas, mas também ela se manifesta claramente para o observador consciente da natureza. As ingazeiras nas ribanceiras estendem suas folhagens aos raios solares, enquanto seus grandes tufos de flores, tecidos como se fossem fios de prata, esvoaçam no vento matutino. As gigantescas mungubeiras estão adornadas de flores e diamantizadas pérolas de orvalho encimam as folhas superiores. Percebe-se entre as grutas verdes, iluminadas apenas por poucos raios dourados do sol, que conseguiram penetrar na floresta virgem, estonteante riqueza de cores e beleza!”

Eis, portanto, amostras do seu poder descritivo.



Os manuscritos do romance foram encontrados entre os documentos inéditos do autor, custodiados na *Bayerische Staatsbibliothek* (Biblioteca Estadual da Baviera), seção de manuscritos, coleção Martiusiana, e compõem um volume de 314 páginas, redigidas em grafia gótica, obedecendo a princípios de ortografia, sinalização gráfica e pontuação diversos dos atuais. São raras as aspas nas falas dos personagens, os princípios de virgulação são alterados, a divisão das matérias é, às vezes, surpreendente. Sempre que possível observamos, nas duas versões realizadas, a transcrita e a traduzida, o sistema preferido do autor, desviando-nos do mesmo quando fidelidade poderia ameaçar a compreensão.

A grafia dos nomes próprios foi respeitada, desde que não houvesse duplicidade, tal como em Japurá/Jupurá e outros. Decidimo-nos por Hartoman, no caso do personagem principal, ainda que por descuido Martius tivesse conservado o anagrama *Suitram* em algumas passagens, e adotamos as correções a que o autor submeteu seu original na última versão de próprio punho. A par de sua imensa produção científica, Carl F.Ph. von Martius já havia conquistado (ao lado do seu companheiro J.B. von Spix) generalizados louvores da crítica e do público com a sua *Viagem pelo Brasil* quando concluiu este livro. Iniciava-se um processo de consagração do cientista e viajante, que não queria ser posto à prova como ficcionista, muito embora se dedicasse na mesma época também a contos e novelas e produzisse poemas, alguns dos quais publicados. Todo esse labor literário, porém, segue o esquema da época, mas será preciso lembrar que exatamente no período romântico, ao qual se filia, o culto da imitação, próprio da época clássica, fora substituído pelo culto da originalidade e, no que respeita à temática, Martius revela-se, isto sim, extremamente original ao retratar a natureza, o homem e a sociedade do Brasil. É exatamente aí que reside a riqueza do *Frey Apollonio*, no qual uma visão nova da Amazônia do seu tempo é transmitida em linguagem que comunica, sugere, sugestiona e emociona. É por isto que esse autor, brasileiro por opção da sua alma generosa, merece a homenagem justa de ter ainda nos nossos dias publicado o seu romance, apesar de decorridos quase cento e setenta e cinco anos desde sua conclusão.

São Paulo, fevereiro de 2005.